

**A VIDA EM PROSA
E VERSO**

ANTOLOGIA

Glorinha Mourão Sandoval

**A VIDA EM PROSA
E VERSO
ANTOLOGIA**

Ibis Libris
Vide o Verso
2005

Copyright © 2005 Glorinha Mourão Sandoval

Editora: Thereza Christina Rocque da Motta
Digitação e revisão: Carolina Figueiredo Martins
Capa e editoração eletrônica: Vide o Verso

1ª. edição, em maio de 2005

Sandoval, Glorinha Mourão
Seixos Rolados, antologia/ Glorinha Mourão Sandoval/ – Rio de
Janeiro : Ibis Libris, 2005
268 p. ; 23cm

ISBN 85-89126-60-1

1. Poesia, trova, conto e crônica brasileiros. I. Título.

Impresso, no Brasil.
2005

Direitos reservados à Autora.

Vide o Verso
Rua Apinajés, 1922 - Perdizes
01258-000 - São Paulo - SP
Tel.: 11. 3676-0036
ideia@vista.com.br
www.vide.com.br

A todos, que me envolveram,
pelos caminhos da vida,
com a esperança, o otimismo,
florescendo, em minha jornada,
a alegria de viver.
Como diz o poeta:
“Somos feitos para lembrar
e sermos lembrados”.

Glorinha Mourão Sandoval

SUMÁRIO

PREFÁCIO	12	74	UMA LENDA
SEIXOS ROLADOS - CONTOS E CRÔNICAS		76	ÉDEN
BONECA DE PANO	18	78	UM URSO SEM TOCA
GATO ESCALDADO TEM MEDO DE ÁGUA FRIA	20	81	MAGIA DE UM CARRILHAO
MARICA PENOSA	23	84	O SENHOR TAPETE
BEIRA-MAR	26	86	SOLIDÃO
UMA TARDE	28	87	ENREGELADO
RUÍDOS DA COMUNICAÇÃO	30	88	EMBONECADA
UM ESTRANHO, ESTRANHO	34	91	CAIXA DE SURPRESA
FOI UM LAR	36	94	A COISA MAIS BELA - O AMOR
O TRAJE NÃO FAZ O MONGE	38	95	RUÍDOS DO SILÊNCIO
UM SONHO SE DISTANCIA	41	96	BICICLETA ERGOMÉTRICA
O BAILE DAS PRODUZIDAS	44	101 . . .	SIGA ORDEM
AS VESTES DO SERAFIM	48	102 . . .	O LOGRO
A SERVIÇO DO AMOR	49	103 . . .	RETICÊNCIAS
ALGUÉM	50	104 . . .	OS ESTRANHOS
DOM RATÃO	52	105 . . .	OLHAR ATRAVÉS
GALINHA POLONESA	53	106 . . .	INDECIFRÁVEL
O DESPERTAR	58	107 . . .	TODO EM CORES
A CHAVE	59	108 . . .	ARAPUCA
ESPUMAS	60	113 . . .	IMAGENS ETÉREAS
SOMBRAS	61	114 . . .	ANÚNCIOS CLASSIFICADOS
UM BURACO NA FECHADURA	62	115 . . .	DOIS MOMENTOS
O CÉU É DOS PEQUENINOS	63	116 . . .	ERA UMA VEZ
INCRÍVEL	64	118 . . .	ROSTO DE PORCELANA
AULA DE NATAÇÃO	65	121 . . .	A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO
NAS TRAMAS DA REDE	68	122 . . .	A FASCINANTE ARTE DE PESCAR
EMBARAÇOS	70	124 . . .	ROLANDO AO LÉU
IMPREVISTOS	71	128 . . .	PUXA-PUXA
UMA TRAMÓIA	72	129 . . .	VISOR PRÓPRIO
		131 . . .	LENTES

PANORAMA	132
O SORRISO DA MADONA	134
BOM, COMO SORVETE	136
MEU PRIMEIRO PERFUME	137
ESTRELA CADENTE	139
VIBRAÇÕES	140
NA CONTRAMÃO	141
TARDE OUTONAL	142
A BELDADE E A MORTE	144
PRODUZINDO-ME	145
 FANTASIA - POEMAS	
NATUREZA DISTANTE	148
DESTRUIÇÃO	149
ALENTO	150
O ÁPICE DO BEM	151
DISTÂNCIA	152
SUFOCO	153
EMOÇÕES	154
POEMA VERMELHO: ESTRELA DE FOGO	156
POEMA AZUL: A ESCALA	157
MÃOS	158
FACES DO AMOR	159
SOL	161
A CARTA	162
O SOAR DO SOM	164
SUSTO	165
O FOLHETIM	166
BOA DE BOSSA	167
POBRE PALHAÇO EMPOLEIRADO!	168
OS PEQUENINOS	170
SER FRUTA	171
PEDRA - ÁLBUM FRIO	172

173 . . .	O BAÚ
174 . . .	CHEGAR
175 . . .	ESTRELA É FEBRE
176 . . .	O MOMENTO ESCURO
178 . . .	IMAGENS
179 . . .	LAMENTO
180 . . .	ESTRELA FUGAZ
181 . . .	MANHÃ DE SOL
182 . . .	SUA ALMA, SUA PALMA
184 . . .	EXPLOSÃO DO SENTIR
185 . . .	PEDRINHO
186 . . .	CRISTA DO PICO
187 . . .	ENDECHA DAS TRÊS IRMÃS
188 . . .	O BOBO-DA-CORTE
190 . . .	ÁGUA
191 . . .	FOGO
192 . . .	AR
193 . . .	TERRA
194 . . .	LENTE COR-DE-ROSA

196 . . . **TERNAS CANTIGAS - TROVAS**

MEU MUNDO, COMO CENTRO - REFLEXÕES

250 . . .	DEUS, EM MEU TRABALHO
253 . . .	CULTURA DE MASSA
254 . . .	O "EU" DE MIM
256 . . .	MEU MUNDO, COMO CENTRO
258 . . .	A CRIANÇA E O VELHO
260 . . .	FOGÃO DE LENHA, PANELA DE BARRO
262 . . .	A CIGARRA E A FORMIGA
263 . . .	FERNÃO CAPELO GAIVOTA

264 . . . **SOBRE A AUTORA, GLORINHA MOURÃO SANDOVAL**

PREFÁCIO

O ANJO DA ESPERANÇA. CARTA AFETUOSA

Querida Glorinha,

Os seus poemas e as suas crônicas, escritas em linguagem agradável, assemelham-se a cristalinas águas de tranqüilo regato que corre mansamente.

Possuem, ademais, a delicada musicalidade peculiar às almas puras e generosas. Personificam, indubitavelmente, as suas inatas qualidades, transbordantes de bondade e solidariedade. O texto, por sua vez, aos olhos do leitor, desliza sem tropeços, claro como a luz do dia, dando a impressão de estar assistindo a um bom filme colorido, em estilo pictórico.

Foi o que experimentei durante a leitura, que, propriamente, não me fez sentir saudades. Saudade é um sentimento nostálgico, inspirando triste memória de pessoas, ou coisas distantes, ou extintas. Despertaram-me, ao contrário, afetuosas recordações, momentos de incontida alegria, lembrando as enternecedoras festas familiares, junto aos que nos rodavam, ou aqueles entes queridos, que já partiram, todavia continuam visualizados, em nossas retinas, impregnadas de doces reminiscências.

Constituímos você, eu e as outras irmãs, que estão vivas, os descendentes de Mário e Placidina Mourão. Éramos oito. A metade já partiu para o repouso eterno, o destino final. Restam três irmãs e este irmão mais velho, que lhe escreve esta singela amorosa carta. Porém, a mui amada Glorinha, de alma cândida, de índole boníssima, em nada mudou, desde mocinha, quando adquiriu a sua personalidade: jovial, otimista, humanitária, distinguindo, somente, o lado bom de seus parentes e das pessoas pertencentes ao seu vasto círculo de amizades. Você, minha estimada irmã, sempre se primou como boa filha e esposa exemplar. É mãe e avó carinhosa, orgulho-me de ser seu irmão. Quando você retorna a Poços, procedente de São Paulo, o que faz habitualmente, todos nós ficamos jubilosos, proclamamos em uníssono: o “Anjo da Esperança” chegou.

Calha, com fecho, reproduzir o terceto final do inspirado soneto, “Há sempre Esperança”, de autoria de Marcus Vinícius de Moraes, consagrado poeta e atual presidente da Academia “Poços Caldense de Letras”:

*“Por mais que a tempestade se avizinha,
Em teu coração, haverá sempre uma eterna primavera.
Porque... Há sempre uma esperança!”*

Com muita admiração, um beijo fraternal,
Benedictus¹

¹ BENEDICTUS MÁRIO MOURÃO é médico, escritor e membro da ACADEMIA “POÇOS CALDENDE DE LETRAS”.

MANUSCRITO...



SEIXOS ROLADOS

– Contos e Crônicas –

BONECA DE PANO

Todos os sábados, Tia Maria vinha nos visitar.

Na verdade, não era nossa tia e, também, sua vinda nada tinha de social.

Era uma velhinha sem ninguém, e nós a considerávamos como alguém da família.

Perdera o marido, filhos, casa, quase tudo. Que lhe sobrou afinal? Só aquele restinho de vida, que a machucava muito: ora aqui, ora ali, pelas costas, pelas cadeiras, no joelho, no pescoço. O que ficou, mesmo, foi a dor do vazio, da solidão, a amargura da saudade!

Nós, crianças de casa, aguardávamos ansiosas por esse dia, pois Tia Maria vinha buscar, em nossa casa, alimentos, remédios, roupas e tudo, que precisaria na semana.

Em troca, ela nos trazia carinho, ensinamentos de vida e seus fantásticos sonhos... Nós sentávamos para ouvi-la.

Suas histórias eram muito bonitas, antigas, impossíveis: fadas, anões, feiticeiras, bruxas, dragões. Dizia que via fantasmas, santos e anjos, sobre as nuvens; conhecia como encantar animais e o poder curativo das plantas.

Enquanto falava, às vezes, fugia para dentro de si, para um lugar muito longe, talvez, seu passado e pedia perdão a Deus pelas ofensas cometidas.

Então, não a compreendíamos e pedíamos para se explicar melhor... Fazia uma pausa, como quem pensa, e voltava a contar suas fantasias.

“Era uma vez...”

Foi de Tia Maria, que recebi o presente predileto de minha infância: uma boneca feita de retalhos. Para mim, sempre, foi o mais lindo e significativo brinquedo: minha amiga inseparável, minha confidente, ainda, conservo-a, como uma relíquia.

Tia Maria, boneca de pano, lembranças de um outrora encantado...

GATO ESCALDADO TEM MEDO DE ÁGUA FRIA

Os vizinhos de minha filha possuem um gato siamês, bichano tratado com todo luxo. Chama-se Darling. Dorme na cama do casal, come à mesa, vai todos os meses ao veterinário para exame e banho.

Os apartamentos lado a lado, no primeiro andar, têm um espaçoso terraço e são separados um do outro apenas por uma mureta.

Assim, cara a cara, estão os condôminos... Um, contrário à permanência de animais, em apartamento; outro, que ama de paixão, o gatinho “Super”, o mais querido bichano do mundo.

Ciente das idiossincrasias a animais dos senhores face a face, os vizinhos resolveram pôr um gradil de separação na varanda, entre as duas propriedades. Cautelosamente, também, colocaram uma tela sobre ele, que, no dizer da filhota, parecia feita para galinheiro e enfeava terrivelmente o ambiente.

Após um diálogo, não muito diplomático, a dona do gato resolveu deixar a proteção somente do seu lado.

E a paz voltou a reinar.

Até que um dia, inexplicavelmente, passando não se sabe por onde, o gatinho, feliz da vida, foi passear pela vizinhança.

Mas que desdita! Deu de cara com uma estranha mulher e, esta, em movimento estapafúrdio, com uma toalha, tentou espantá-lo.

Encurralado, assustado, sem saída, não teve dúvida: achou um local acima do muro divisor e... “tchum!”, pulou para o vazio.

Felizmente, caiu n'água, dentro de um pequeno lago artificial, onde havia uma fonte decorativa.

Ainda tonto, mas com vida, correu para a portaria, não alcançando a rua, graças ao impedimento dos porteiros.

Em pânico, mais apavorada que o bichano, ficou a filhota: jamais teve a intenção de causar qualquer dano ao gatinho, muito menos a um de estimação.

Quando viu o salto do gato, voou escada abaixo: tropeçando, caindo, levantando, rolando, tudo para salvar o que restava do animalzinho.

Aliviada, soube estar a salvo, sem ferimentos, em um lugar seguro, com os guardas do prédio.

Humildemente, bateu à porta da vizinha e avisou-a do ocorrido.

Com os tocantes agradecimentos da dona do bichaninho, a querela teve fim.

Todavia a vizinha observou:

– Interessante: Darling é tão afável! O que o tornaria assustado a ponto de saltar a mureta? Deve estar sofrendo dos nervos. Vou levá-lo ao psiquiatra!

●
22

Fui fazendeira, nos primeiros anos de casada. Lá, nasceram meus meninos e foram criados até a idade escolar. Mudei-me, então, para a cidade, a fim de facilitar a frequência aos colégios. Nunca mais tornei a morar no campo.

Meus filhos aprenderam a amar os animais, assim como tudo que dizia respeito à vida campestre. Todavia, como era natural, mostravam preferências.

Zeca, meu filho, com seus cinco anos, tinha sua predileta, Marica Penosa. Desde pintainha, fora tratada por ele de maneira especial. Acostumou-se a comer em sua mão, acompanhá-lo por onde ia, como um cachorrinho ensinado.

Com o correr do tempo, Penosa transformou-se em uma linda carijó. A amizade, entre eles, aumentava. Ainda bem cedinho, Zeca corria para o quintal para tratar de Marica com farelo de milho. Depois, com ela no colo, ou no chão, acompanhando-o, ia fazer sua higiene, tomar a primeira refeição, repartindo o alimento com a amiguinha inseparável. Passava o dia brincando com a galinha, dava gosto ver como havia um completo entendimento entre ambos. Contudo essa amizade se tornou, penso eu, obsessiva.

Zeca só comia se “ela” estivesse ao seu lado. O mesmo acontecia, quando ia tomar banho, ou

23

●

dormir. Parecia que o mais importante, em sua vida infantil, era a bichinha!

Então, algo muito preocupante aconteceu. Zeca, como sempre, levantou-se antes do sol nascer e saiu à procura de Marica.

Meu marido, vendo o horário, madrugada brava, semi-escuro, procurou acompanhá-lo, em surdina, para vigiá-lo em suas andanças. Teve um pouco de dificuldade para localizá-lo. Atrás da parede da tulha, ouviu risadas e cacarejos... Zeca brincava... Ele, de galo, com sua amada namoradinha.

Ao vê-los tão juntos, em intimidades, quase desmaiou. Jogou a galinha longe... Pegou o garoto pelas orelhas, deu-lhe tremendas palmadas e levou-o para casa. Como castigo, trancou-o no quarto, por um dia inteiro.

Aos berros, o menino gritava:

- Quero minha Marica, seu bruto! Será que você a machucou?

Era um caso patológico. Não sabíamos como solucioná-lo. Lembramo-nos do compadre psicólogo, que, por diversas vezes, mostrou desejo em conhecer nossa fazenda. A oportunidade surgira. A intenção era expor o caso, em particular, ao nosso amigo, que examinaria o “taradinho”, jeitosamente, sem chocá-lo em seus verdes anos...

Providenciei os ingredientes para um almoço bem à moda da roça. Desejávamos recebê-lo com toda

hospitalidade, pondo-o à vontade.

Chegou o dia “D”, com os visitantes em casa. Meu marido foi encarregado de entretê-lo, enquanto estivesse na cozinha. Prato do dia: galinha ao molho pardo, com polenta (ou polêmica?). Onde a coragem? O sangue frio? Coitadinha da Marica! A cozinheira não quis saber, ausentou-se...

Restava eu, sem a mínima vontade de cometer a sangrenta matança. Que fazer? Amarrei a pobrezinha em um mourão, na cerca; preparei uma tigela para aparar o sangue; depenei seu pescocinho e... com uma machadinha, dei-lhe uma só bordoadada. Foi-se.

O almoço: um sucesso!

Pensando duas vezes, não parecia haver necessidade do envolvimento médico nessa “criancice roceira”. Nada falamos.

Com o avançar dos dias, tudo voltaria aos seus devidos lugares...

Conjeturava, quando ouvi me chamarem, era Zequinha:

– Mãe, venha ver que graça! É mansinha... Está comendo em minhas mãos!

Olhei: uma franguinha, ainda emplumando, fazia a alegria do meu filhote.

– Vou chamá-la de Mariquinha Penosa... O que acha, mãe?

BEIRA-MAR

*“Ondas, em dança corrente,
trazem às praias o mar,
mas o destino da gente
sabe aonde vai parar?”*

Meu apartamento dá frente para o mar. Sou moradora das areias, amo o ar marinho, é sangue nas minhas veias!

Pela janela, munida de um binóculo com poderosas lentes, vejo passar navios de pequenos a grandes calados, canoas de pescadores, embarcações sofisticadas.

Na praia, banhistas, ambulantes, vendedores, crianças, nadadores, gente e mais gente de todas as raças, portes e níveis sociais. É um palco de representações, com personagens variadas, tendo, como o cenário, o “Marzão” sem fim. Assim o chamo, pois sua imponência e grandiosidade aumentam minha insignificância.

Navego e estou parada. Vejo mundos e estou cega. Sou monturos, água salgada, ilha, sereia, barco a vela, sou peixe mensageiro, escuta, olheiro e, sobre as ondas, dançarino. Velejo. Todo meu pensamento está no mar, na sua imortalidade lúdica.

Foi, num destes momentos de espia, que assisti a uma cena bizarra: dois jovens, entre 14 e 16 anos, dirigiam-se rumo à praia. Um alto - 1,80m, mais

ou menos,- e o outro, baixo, barrigudo - 1,50m, talvez,- ambos branquêrrimos, como se nunca tivessem tomado sol. Usavam calções vermelhos, desbotados, absolutamente fora de moda (quem sabe, emprestados por alguém com tremendo mau gosto).

Pessoas passavam, comentavam, riam diante desses “Mutt e Jeff”. Eles, nem aí... Com passos apressados, foram que foram... Deitaram na areia quente, sem qualquer proteção para a pele. Desejavam bronzear-se. Motivos? Óbvios...

Nisso, lá vinha o trem de passeio turístico - tchiu... tchiu... piuí... -, cheio de rostinhos - tchiu...tchiu...

Os garotos se levantaram; queriam apreciar melhor os passageiros, isto é, as gatinhas, sem dúvida...

Mas, o que aconteceu, foi estranho... O trenzinho deu uma guinada e rodeou os mocinhos.

Gritos de surpresa tão altos, que até pude ouvi-los: “Olha que lindos! O peixe-espada e a baleia fora d'água! Quá, quá quá!!!”

Os pretensos galãs, o gordinho e o magrinho, escondendo suas caras, correram em direção à...

Mesmo com meus potentes quatro-olhos indiscretos, não consegui segui-los...

UMA TARDE

Em um banco, num futuro jardim público, em companhia de meu irmão mais velho, assistia ao movimento e afazeres dos operários e jardineiros.

Dizia que, daqui a muitos anos, quando fosse uma moça feita, neste aterro, as sementes das plantas, naquele dia, postas na terra, brotariam, transformando-se em árvores, arbustos, outros tipos de folhagens e muitas flores raras com várias cores e feitios. As pérgulas, que circundariam os canteiros, estariam cobertas pelas buganvílias e trepadeiras.

Lá, seria um grande parque: onde as crianças poderiam brincar, e os maiores encontrariam um lugar apropriado para ler, divertir e aproveitar a tranquilidade do ambiente. O maior encantamento, porém, seriam os pássaros: sabiás, bem-te-vis, socós, tico-ticos, canarinhos, maritacas, rolinhas, pombas, periquitos, andorinhas e outros. Em liberdade, encontrariam locais para seus ninhos, alimentos nas árvores, e, agradecidos, alegrariam esse recanto com seus suaves gorjeios.

Sendo apenas uma garotinha, extasiava-me com as palavras de meu irmão e, vestindo-as de magia, visualizava o transformar da natureza, na imaginação.

Foi desse modo que vi nascer o “Parque Municipal de Poços de Caldas”.

Hoje, as árvores encorparam, as sementes tornaram a vegetação luxuriante para o nosso deslumbramento.

E nós?

*“Folhas de um álbum, com páginas em branco.
Tecidos pelo tempo, somos pequenos e inexpressivos,
acordamos e adormecemos.*

Expandimos o supremo movimento da vida...”

RUÍDOS DA COMUNICAÇÃO

Ligações telefônicas, muitas vezes, causam transtornos, quando as mensagens são errôneas ou, simplesmente, mal-entendidas.

(I) Pr-r-r! Pr-r-r! Pr-r-r!

- Pronto, 510-9738. Com quem deseja falar?
- Dona Vera Veroneza está?
- Sim. É ela. O que deseja?
- Boa-tarde. Quem está falando é Picco Loto, representante do convênio “Amil”. A senhora já tem algum plano de saúde? Estamos em promoção: entrada sem carência e mensalidades com 50% de desconto, só este mês.
- Desculpe-me. Não ouvi muito bem. Seu nome, por favor e, depois, sua proposta, bem “de-va-gar”.
- Senhora, eu me chamo Picco Loto, sou representante da “Amil”.
- Amo o quê? Seu nome Pico - Pi...co?
- Senhora, representante da “Amil” e meu nome é Picco Loto, com dois “cês”.
- Com dois cês? Onde ponho o outro cê do Pico?
- Senhora, entenda, por favor. Chamo-me Picco Loto, com dois “cês”.
- Oh! Acudam-me, cê onde? Dois cês, que confusão!!!
- Picco Loto, senhora, Picco Loto com dois cês.
- Ah! Finalmente! O senhor se chama Piccoloco! Acertei?

Clique! Ligação cortada.

(II) Pr-r-r! Pr-r-r! Pr-r-r!

Telefonista:

- Ligação de Miguel Pereira a cobrar. Confirmo?

Cláudia:

(Atendendo) - Não, claro que não, pois não conheço Miguel Pereira, desligando.

Telefonista:

(Retornando ao chamado) - Senhor, sua ligação não foi aceita. Devo insistir?

O Senhor:

- Claro, por favor!

A telefonista tenta mais duas vezes, sempre a mesma resposta:

- Não conheço Miguel Pereira, quem fala é Cláudia, peço-lhe que não insista, desligando.

Telefonista:

- Senhor, sua ligação foi cortada outra vez. Desisto?

Senhor:

- Não, telefonista, tente outra vez. Agora, ligação simples, interurbana. “Quem será que não quer me atender?”, pensou.

– Pr-r-r! Pr-r-r! Pr-r-r!

Telefonista:

- Ligação interurbana de Miguel Pereira.

Cláudia:

(Atendendo) - Alô? Com quem deseja falar?

O Senhor:

– Ora, é papai! Estou ligando a cobrar para minha própria casa e você não aceita a ligação? Saco!

Cláudia:

– Mas, papai, você não ligou nenhuma vez. Quem telefonou a cobrar foi um tal de Miguel Pereira, que não sei quem é. Você o conhece? Fiquei com raiva, tal a insistência dele. Até desliguei o telefone na cara da telefonista. Fiz bem?

Papai:

(Furioso) – Ora, larga de ser burra, filhota, eu estou em Miguel Pereira!

Cláudia:

(Espantada) – Como assim?

Papai:

– Miguel Pereira é uma cidade pequena da Baixada Fluminense!

(III) Pr-r-r! Pr-r-r! Pr-r-r!

Telefonista:

– Ligação dos EUA, do Sr. Arruda para Clóvis, a cobrar.

Clóvis:

– Quem fala é Clóvis.

Telefonista:

– Posso confirmar?

Clóvis:

– Pois não.

Telefonista:

(Retornando) – Sua ligação não foi aceita.

Sr. Arruda:

– Como? Favor insistir.

Telefonista:

– Novamente, sua ligação não foi aceita, Sr. Arruda. Disseram não. Repetindo suas próprias palavras: “Pois não”.

Sr. Arruda:

– Telefonista, em português, “Pois não” quer dizer “Sim”.

Telefonista:

(Ofendida) – Senhor, aprendi o português e, também, o espanhol. Sei que “não” é “não”.

Sr. Arruda:

– Por favor, mesmo assim, insista!

Telefonista:

(Tornando a ligar) – EUA, Sr. Arruda chamando Clóvis, a pagar.

Clóvis:

– Pois não!

Papi:

(Com sua voz inconfundível) – Sua “anta”, diga OK! Okey!

Clóvis:

(Gritando) – OK! OK! OK!

Ligação estabelecida.

UM ESTRANHO, ESTRANHO

*“Ó Primavera florida!
Pétalas feitas de cores!
Que bela explosão de vida,
alegre festa das flores.”*

Todas as manhãs, quando o tempo permitia, Maria regava seu jardim, dando trato aos canteiros de espécies variadas, raras, ornamentais, arbustos floridos, em arranjos, para realçar a beleza das flores.

Entretida diante da exuberância e surgimento de novos brotos, não viu um estranho pular o gradil e, silenciosamente, aproximar-se.

Virou-se assustada.

– O que faz aqui? Quem lhe deu licença para entrar?

Ele a olhou, cigarrinho na boca desdentada, cara suja e roupa malcheirosa, pé no chão. Uma figura amedrontada, fruto da miséria que anda por aí.

– Bati parmas, dona! A senhora não ouviu. Cantava e regava as pranta.

– Afinal, o que deseja?

Na verdade, Maria estava apavorada, pensava: “Seria um ladrão? Um estuprador? Um louco com intenções assassinas? O que representava aquela presença e ela sozinha? Se gritasse poderia ser pior... Calma, mantenha-se calma e... e... vejamos”.

– Não sou marvado. Cato paper nas ruas, faço qualquer coisa pra conseguir algum centavo. Vi a senhora sem ninguém e resorvi oferecê meus serviço. A senhora qué que eu regue seu jardim? Podia varrê, juntá as fôia seca e levá embora. Só quero mêmo um trabainho. Tamém um cafezinho servia...

Maria sossegou. Era apenas um pobre coitado, faminto e judiado pela vida...

FOI UM LAR

Após longo tempo, torno à casa paterna. Hoje, velho casarão, corroído pelo passar dos dias. Marcas profundas de abandono...

Prédio condenado...

Entro, sinto o vazio da penumbra, vibrações de um passado vivo em mim. Portas, janelas abertas às lembranças...

Assoalho, que range suspiros, cantos, sussurros da juventude, nos quartos, vozes infantis...

Em cada espaço, a visão fantástica de “algo”, até então adormecido.

No trânsito louco de meus pensamentos, o vaivém da angústia. Em movimento, sombras inexistentes.

Ouçõ lições do bem-querer, passos em compasso com o bater de meu coração. Vejo, com olhos d'alma, aqueles a quem tanto amei... Sinto presenças ausentes e toda extensão de benéficas influências.

Templo de amor! Nas páginas brancas e frias do livro da vida, o destino desse lar, de seus moradores, foi selado.

Luzes que se apagam. Descansa a noite no silêncio da eternidade...



O TRAJE NÃO FAZ O MONGE

Meu fraco, prazer predileto, nas horas vagas, é ser um pouco detetive: investigar, entrar em vidas diferentes. Enfim, viver, por momentos, a existência de outras pessoas. O desconhecido me atrai!

Uma jovem sexy, encantadora, uma gracinha, saiu do Shopping Iguatemi, a caminho do estacionamento.

Segui seus passos dis-cre-ta-men-te.

Seu vestido amarelo, tubinho justo, última moda, salientava as pernas bem-feitas, realçadas pelos sapatos pretos de verniz, com bicos e saltos finos.

Notei suas mãos cuidadas, unhas tratadas de quem não faz trabalho pesado, uma “expert”, talvez, em atividades intelectuais e não físicas.

Seu todo, tão elegante, demonstrava educação refinada.

Cabelos lisos, curtos, dourados, refletiam o brilho do sol daquela tarde radiante!

Seu rosto, ah!, expressivo, meigo, pele clara, olhos azuis, nariz pequeno, afilado: uma figura de camafeu.

Aparentava uns vinte e dois anos.

Tudo indicava: nasceu em “berço de ouro”!

Com andar de gazela, foi em direção ao carro Tempra, duas portas, vermelho cintilante! Usando o controle remoto, abriu uma das portas, com delicadeza. Sentou-se frente à direção, ligou o motor de partida e, em ré, manobrou. Saiu, lentamente, da garagem do centro comercial e, em marcha moderada, dirigiu-se aos Jardins. No meu carro, acompanhei-a.

Sua moradia, presumi: Rua Califórnia, 189, uma mansão!

Por coincidência, já a conhecia, pois tive oportunidade de visitá-la com o corretor. Havia sido posta à venda, no Estadão, por seu proprietário, ao mudar-se para o exterior. Estilo colonial autêntico, por fora e por dentro. Mobiliário artístico, em jacarandá talhado. Recobrando os estofados, tecidos confeccionados em teares mineiros; o mesmo, em relação às almofadas. Os enfeites clássicos, quadros de pintores famosos, porcelanas européias (Sèvres, Galles, Limoges, Companhia das Índias, Opalinas) e incontáveis maravilhas, em esculturas, artes chinesas e tantas outras valiosas peças. O assoalho, em tábuas corridas, quase que totalmente recoberto por tapetes persas. Quatro salas, cozinhas, copa, adega e demais cômodos, todos decorados com extremo bom gosto! Deu-me impressão de estar saltando para o final do século XVIII. Deslumbrei-me!

Desci do carro e, passo a passo, cheguei ao gradil do parque, que ladeava todo o casarão.

Vi, então, a extensão de luxo e conforto do viver dessas pessoas: quadra de tênis, vôlei, piscina, churrasqueira, caramanchões, recobertos por lonas coloridas, poltronas apropriadas para o sol... “La vie en rose!”

Em devaneio, imaginei: quais os costumes desses moradores com tão alto padrão de vida? Quais afazeres, responsabilidades, acima do nível comum? Pensariam como nós, “simples mortais”? Seriam, apenas, peças na máquina do progresso? O próprio progresso? Bobagem: só gozavam as delícias do “bem-viver”. Eram humanos como todos nós: tinham de pagar impostos, fechar o tubo de gás, desligar a eletricidade, cerrar as cortinas, trancar as portas, quando saíam de casa.

“Ave César”! Todos, até mesmo a linda jovem loura, de olhos azuis, eram uníssonos com as aspirações de liberdade e amor. A meta: encontrar a felicidade.

Nisso, vendo-a, novamente, consegui identificá-la.

Vestindo um uniforme de servente, com uma bandeja nas mãos, servia bebidas às pessoas, que se divertiam junto à piscina.

Oh!... Ah!...

Há muito procurava um carro usado, em bom estado, com pouca quilometragem, que nunca tivesse sofrido uma batida e com todos os documentos certinhos: pagamento do IPVA, seguro em dia.

Surge, então, uma oferta imperdível. Soube que um proprietário, representado por Nicanor, tinha dois veículos à venda. Perfeito estado: peças originais, bem-calçadas, com estepes ainda intocados, pintados recentemente de vermelho, estofamento de luxo, mesmo ano de fabricação, quites com os impostos. Tudinho nos “trinques”. Os fuscas estavam estacionados, à disposição dos interessados, em frente à casa do agente encarregado em mostrá-los.

Fui ver o material. Encantei-me! Realmente, os fusquinhas só faltavam falar. Umas gracinhas de encher os olhos e o coração!

E quanto a Nicanor? Bom de bico! Lembrei-me de ter lido, num jornal, que, certa vez, numa concentração religiosa, em homenagem ao Padre Cícero, no Ceará, onde apareceram milhares de fiéis místicos e de boa fé, um sujeito, chamado Nicanor, ganhou muito dinheiro, vendendo terrenos no céu.

Os crédulos faziam fila para garantir seu quinhão junto ao Senhor. Até os guardas porem fim às vendas, o rendimento foi enorme para o bolso do

malandro. O sujeito sumiu, levando uma boa quantia daquelas pessoas simples.

Seria o mesmo Nicanor? Questionei-o. Negou. Disse ser correto, nada tinha a ver com a citada pessoa. Mostrou o RG e, também, a documentação completa do Volks, carimbada pelo DETRAN. Sugeriu-me trazer um mecânico de minha confiança para examinar os carros. Convidou-me para dar uma volta, a fim de verificar, por mim mesma, o excelente funcionamento dos motores. Era pegar ou largar.

Tinha urgência em vender pelo menos um dos carros.

Compromissos inadiáveis... E até propunha uma “promoção”, só naquele dia, de 50% de abatimento na compra de um dos fusquinhas, se a quantia fosse paga no ato da compra, “cash”.

Já no dia seguinte, ambos seriam vendidos de acordo com a tabela de preços, relacionada nos jornais. A opção seria a bel-prazer do comprador. E perguntou-me:

- Então, em seu caso, interessa-lhe o negócio?

Virei-me para ter em mãos toda a quantia pedida: recorri à poupança, fundão, empréstimo em banco. Afinal, consegui. Estava apta a adquirir um dos veículos.

À noite, fui fechar a compra. Lá estavam os amorecos. Escolhi um deles. Nicanor entregou-me aos papéis da transação. Examinei-os: em ordem.

Liguei o motor: ótimo. Tudo nos lugares: inclusive extintor de incêndio, toca-fitas e o mais necessário. Enfim, possuía o tão sonhado veículo!

Nicanor despediu-se, desejou-me felicidades e parabenizou-me pela belíssima aquisição. Apressado, entrou no outro Volks e... escafedeu-se, até os pneus gemeram no adeus.

Pensei: “Que tolo! Ia convidá-lo, para juntos, comemorarmos o grande feito... Melhor assim...”

Preparava-me para dar a partida no “sonho meu”, quando um homem bateu no vidro, dizendo:

– Aonde a senhora pensa que vai? Faça-me o favor de descer desse carro, senão chamo a Polícia.

– Acabei de comprá-lo. O que significa isso?

– A senhora está roubando meu carro. Desça já.

– Negocieie-o à vista. Eis os documentos

– Falsos, senhora, falsos... Tudo maracutaia! A senhora foi enganada. Um malandro vendeu o que não lhe pertencia. É caso de apropriação indébita. Vamos à Delegacia esclarecer o caso.

Chateação! Desapontamento! No posto policial, o caso Nicanor era ocorrência em pauta: falsa identidade, moradia ignorada, furtos, golpes baixos em incautos.

Caí no conto do “fusquinha em promoção”... Fiquei com cara de bu... broa. Tristeza! Vi o voar de todas as minhas economias. Pela primeira vez na vida, entrei em dívida com o banco. Tão ingênua! Tão crédula! Tão panaca!

O BAILE DAS PRODUZIDAS

Em meu pequeno apartamento, o barulho do silêncio cada vez me enervava mais. Eu e minha sombra.

Ligava rádio, tevê, cantava em voz alta.

Fazia-me muita falta a convivência: discutir política, cultura, futebol, conversar, trocar idéias, rir de situações ridículas, analisar assuntos em voga. Como seria bom ter uma companhia: jornais pelo chão, roupas esparramadas, copos em cima dos móveis e até o bate-boca diário por nada. Outra presença, que se preocupasse tão somente comigo.

Chegava a desarrumar um armário de roupa, ou de louças, pelo prazer de ver as coisas fora do lugar e ter de arrumá-las novamente. Minha casa era tão certinha: cada coisa no seu lugar e um lugar para cada coisa. Cansava-me essa “ordinha”!

Minhas amigas infernizavam-me:

– Você está se tornando irritantemente “casa-maníaca”. Cuidado! A solidão é doença sem volta. Não sabemos o porquê de se esconder entre quatro paredes. Sua família não precisa de você: todos encaminhados. No momento, está só. Mire-se num espelho: para sua felicidade, é uma bela mulher, desejável. E, bem-produzida, seria até charmosa. Arrume um companheiro, que preencha o vazio de sua vida. Interesse-se pelo sexo oposto. Coragem!

Foi, então, que decidi seguir os conselhos. Por onde começaria? Nada mal um baile da terceira idade. Selecionei um deles: o do SESC, Pompéia. E quem sabe?!? Talvez!!! Decidida, preparei-me.

Fui a uma butique sofisticadíssima da Rua Oscar Freire. Comprei um traje chamativo para festa, incluindo todos os aparatos: sapatos, bolsa, bijuterias.

Com data e reserva antecipada, no local a ser realizado o evento, no dia marcado, embonequei-me com um corte de cabelo moderno e maquiagem. Fiquei outra: rosto atraente e olhos sedutores, graças aos cílios postiços. Quanto ao vestido, caiu-me como uma luva. Estava uma verdadeira “modelo”, pronta para caçar um encantador pé-de-valsa.

As amigas acharam-me um charme. Saí disposta a lançar-me em uma aventura amorosa.

Logo na entrada, admirei o tamanho do salão, a orquestra e os pares, animadíssimos.

Com o olhar de “Diana Caçadora”, percorri todo o ambiente e parei num canto, onde dois respeitáveis cavalheiros conversavam. Com jeitinho de quem nada quer, aproximei-me. Derrubei minha bolsa, num “sem-querer, querendo”, bem em frente a eles, obrigando-os a pegar e devolvê-la em minhas mãos.

Prosa vai, prosa vem, um deles e, depois, outro, convidou-me para dançar. Estava sendo disputadíssima, a ponto de não saber qual dos dois escolher: um impasse!

Eis que surge um terceiro pretendente, Marcílio, meu vizinho de apartamento.

Afirmou estar encantado em ver-me no baile e que me conhecia de passagem. Admirador incondicional. Que galante!

Não me largou mais. Perdi a chance de estreitar conhecimento com os dois senhores tão desfrutáveis...

De longe, só flertei com aqueles interessantes cavalheiros. Olhares prolongados, sorrisos desejosos...

Volteando o salão com Marcílio, par constante, vi meus fãs escrevendo um bilhete, que me chegou às mãos, através do garçom.

No momento da entrega, Marcílio adiantou-se: pegou, leu apressadamente, colocou-o no bolso, quando, gentilmente, o impedi, alegando:
– Acho que esta mensagem foi dirigida a mim.

Ruborizado, devolveu-o, sem nada falar.

No bilhete, esses dizeres: “Esperamos ansiosos por você, no final do baile. Porta principal. Até já”.

Meu coração acelerou. Tremi de emoção.

Fim de festa. Voltei às amigas.

Marcílio encaminhou-se em direção ao toalete e desapareceu. Procurei, com o olhar, os outros dois, também, não os vi. Possivelmente, estavam na saída, esperando por mim.

Que raiva! Tudo por causa do tal Marcílio.

Daí... decepção: vi meus três parceiros de dança saindo pela porta principal, abraçados, íntimos, em atitude de muito carinho, quase aos beijos!

O destino havia brincado comigo: Marcílio e os dois outros prováveis pretendentes não passavam de um bando de boiolas.

AS VESTES DO SERAFIM

Depois de longas caminhadas pelas alamedas verdes do parque, com o sol dardejando seus raios ardentes sobre minha cabeça, senti uma sede incontrollável. Procurei um bebedouro, ao longe, avistei-o.

Aproximei-me, apertei o botão mágico e... água cristalina, pura, translúcida, surgiu como pequena fonte, bem dentro de minha boca. Que frescura! Que delícia!

Uma vez saciada minha “cupidez líquida”, continuei pressionando o botão, só para ver a água jorrando... jorrando...

Dei asas à imaginação: vi um filete de prata, renda preciosa das vestes de um Serafim, contas em gotas do rosário da Virgem. Enfim, um sorvedouro, levando a água, pela tubulação de encontro às grandes corredeiras na imensidade sem fim.

A SERVIÇO DO AMOR

Debruçada em minha janela, vi, em meu jardim, uma borboleta colorida.

Tentei seguir seu vôo...

Pousou sobre uma bicicleta, que, positivamente, pertencia ao professor de línguas de meus filhos.

“Ora!”, pus a mão sobre minha boca.

Pensativa, lembrei: hoje é sábado, por que será que o mestre veio a minha casa? Por acaso teria um de meus filhos necessitado de um empurrãozinho extra? Maurício, João, Marta ou Andréia? Curiosa, resolvi procurar a razão de sua vinda.

E qual não foi minha surpresa!

O professor veio a serviço... não das lições: estava, sim, de namoro ferrado com minha irmã, que morava comigo.

Quando? Mas quando poderia suspeitar da existência de tal romance?

Sou cega mesmo. Só agora as coisas se esclareceram: tanta dedicação, tanta disponibilidade, horas extras gratuitas, presenças inesperadas, auxílios não solicitados. Meus filhos estavam emocionados! E tudo isso a serviço do amor...

ALGUÉM

Eram duas da madrugada. Olhos secos, insônia. Bem acordada, não achava posição na cama, já cansada de contar tantas ovelhinhas pulando a cerca!

Havia levantado várias vezes para ir ao banheiro e beber água. Até fiz um chá de erva cidreira. Alguma coisa me perturbava.

Foi quando ouvi uma batida forte, lá embaixo, no portão. Minha casa é assobradada e, pela janela do meu quarto, tenho uma visão ampla do jardim e parte da rua. Olhei: ninguém.

Bateram outra vez e muitas outras. Alguém estava aqui em minha casa. Quem seria? A hora era inoportuna. Pela insistência das batidas, a pessoa precisava de auxílio. Não seria ladrão, se fosse não ousaria bater. Fantasma? Não acredito nisso. Fiquei atenta, confesso, com medo. Cobri-me bem, tentei dormir. Aos poucos, foi surgindo o sono, as pálpebras pesando mais e mais.

Acordei, já era dia. O sol entrava pelas frestas de minha veneziana. Lembrei-me do jardim. Todos os dias eu o regava antes do sol esquentar.

Apressei-me e desci. Foi então que pensei nas batidas do portão. Teriam sido um sonho? Sim, com certeza. Ficou a impressão de que ocorrera um ruído estranho.

Abri o portão. Do lado de fora, bem junto dele, uma grande mancha de sangue.

DOM RATÃO

Olho, ora para meus pés, ora para meus dedos... Um ficou na janela, insistindo em ser saliente, contrariando o vestir, o calçar... O tecido furou, bem ali, e o dedão se plantou a admirar o viver.

Em minha fantasia, a história infantil: “Quem quer casar com Senhora Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?”

Da janela, toda produzida, encantava o caminhante:

– Eu quero!

Vou cortar o barato do meu dedão enxerido... Munida de linha e agulha, costuro o buraco da meia e... Adeus visor pedante!...

Imagino: se fosse uma seta, projetada contra mim e não a deixasse passar? Se fosse um pássaro capturado, desejando voar com outros, muitos outros? Se fosse uma criatura extraterrena, ávida em conhecer o planeta?

Com que direito corto-lhe a esperança em meus versos de pé-quebrado?

GALINHA POLONESA

Ao passar em frente a um aviário, vi e admirei uma linda ave. Na verdade, uma galinha polonesa, raça, que jamais havia visto anteriormente. Rabo comprido, penas negras lustrosas, na cabeça, um topete crespo, lembrando o corte dos “hippies”. Apaixonei-me.

Entrei na loja, não regateei o preço. Comprei-a com gaiola, bebedouro e vasilhames de ração.

Sem pensar um momento onde, ou como transportá-la, lá fui eu, como carregador, levando minha nova aquisição, tesouro precioso!

Certamente, seria meu bichinho de estimação.

Após caminhar quarteirões, pois não estava de carro e os de aluguel não aceitavam tal carga, cheguei em casa, com os “bofes de fora”: cãibra nos braços, respiração ofegante.

Não contei foi com a reação familiar: desaprovação geral.

– Onde colocá-la? Como tratá-la?

– E a sujeira? Ficaria uma galinha presa como um passarinho?

– Que desatino! Pensou em nós?



– Por que não perguntou nossa opinião? Nem parece “mamãe”, sempre tão sensata!

Até meu caçulinha, nos seus quatro anos, perguntou:
– Mamãe, você vai gostar mais dela do que de nós?

Afinal, cedi a mão à palmatória.

Esta espécie de ave doméstica precisa de espaço, aprecia terra.

São criadas em gaiolas e alimentadas com ração, exclusivamente as comercializadas para consumo, portanto não se tratava de “minha galinha” especificamente. Não a comprei para panela, mas para ser paparicada, como cachorrinhos, gatinhos e outros animais domésticos.

Então, uma idéia brilhante.

Minha cunhada é proprietária de uma fazenda. Seu aniversário estava próximo, seria um magnífico presente dar-lhe a galinha polonesa para melhorar seu aviário caseiro.

Assim foi feito.

Antevia a alegria do bichinho, naquele vasto quintal, regalando-se com o ciscar, o deglutir d'água no córrego, o correr atrás das borboletas, moscas, devorar lagartas, ramas verdes, comer milho fresquinho, debulhado das espigas, e namorar um “galão”.

Passados uns tempos, recebi um convite imperdível. Deliciou minha família! Fomos convidados para curtir quinze dias de férias na fazenda: com empregados, alimentação e toda aquela confortável e prazerosa liberdade, que, só no campo, encontramos. Aceitei.

A primeira coisa que fiz foi perguntar da galinha e tive a grata surpresa: vê-la seguida por seis pintinhos, parecidos com ela, de topete e tudo... Era a própria mamãe orgulhosa e feliz. Tão dengosa!

Foram dias inesquecíveis, diferentes dos que a gente curte na cidade.

Passeios a cavalo, leite fresco, retirado das tetas das vacas no curral, travessia no ribeirão a nado, escalar morros para apreciar o nascer e o pôr-do-sol, fugir das cobras, nos pastos cobertos pelo alto capim, e chupar laranjas no próprio pé, além de outras gostosuras.

À noite, no calor claro do fogão à lenha, ouvir histórias sobre pássaros tontos, batendo com o peito nas paredes da sede, gaviões, carregando pintinhos, a onça, que rodeava o portão, os cachorros-do-mato, chupadores de ovos, e as almas do outro mundo, que, perdidas, assustavam os viajantes noturnos...

Que fascínio!

Não tínhamos vontade de voltar ao burburinho do grande centro. Como era bom estar lá!

Intrigantemente, todos os dias, as crianças perguntavam:

– Mamãe, quando formos para casa, a galinha irá conosco?

– Ora, filhinhos, não falem bobagens. Tudo isso é ciúmes?

O dia de regresso chegou. Toda bagagem pronta, e nós, também.

Desgosto!

No portão da saída, pendurada pelo pescoço, a galinha polonesa!

O DESPERTAR

Quatro horas da madrugada. Um tênue lusco-fusco filtra-se pela veneziana. A porta de meu quarto, apenas encostada, escancara.

Acordo. Ainda sonolenta, sinto uma presença. Viro para o lado da janela. Entreabro os olhos e vejo um par de contas brilhantes, que me fita... Sento-me na cama. Já não está lá quem estava. Foge para o corredor.

Levanto-me, vou ao banheiro, lavo o rosto. Caminho, lentamente, arrastando os chinelos. Não consigo levantar os pés.

Bocejo. Estou tonta de sono, tateando as paredes para encontrar a cozinha. Pois não é que lá está ele, sentado, olhando-me com aqueles olhos de fome?

No armário, procuro os enlatados. Na gaveta, o abridor de lata. Ponho o patê, num pratinho, e, ao lado, a tigela de leite.

Sua refeição matinal está pronta.
– Venha cá!

Ouço-o, deglutindo o alimento e lambendo o leite.
– Não seja sem-educação. Coma com a boca fechada, não sobre o leite, como se fosse um instrumento musical. Seja um bom garoto. Nada de barulho.

Volto para o meu quentinho. Será que Juliano entendeu meu blá-blá-blá? Vem a resposta. Ronronando, amável e agradecido:
– Miau, miau.

A CHAVE

Escuro, talvez, luz queimada. Tateio, encontro a porta de meu apartamento. Procuro a chave. Não a encontro no bolso de minha calça.

Deve estar dentro da bolsa. Vasculho: nada. Derramo, no chão, os guardados. Encontro-a. Aleluia!

Ceguinha, ceguinha, passo a passo, caminho em direção à porta. Com as pontas dos dedos, localizo a fechadura. Coloco a chave no buraquinho adequado. Que coisa! Não quer virar. É hoje! Santos, ajudem-me!

Mexo a chave, pra lá, pra cá. Nada. Está encrocada. Finalmente, acerto. A chave gira. Abro a porta, violentamente.

Em pé, bem a minha frente, o vizinho, em trajes menores, com cara de homem mau, com a bengala suspensa, em riste:
– O que significa isto, senhora?

Hum!? Oh!!! Porta errada!

Tarde apropriada para estar em casa lendo um bom livro. O barulho da chuva no telhado, qual alfinetes, marcando compasso em teclas de piano, entorpecia-me, trazendo-me estranhos sonhos...

Transportei-me a uma praia de areias aveludadas... Manhã ensolarada.

O mar calmo ia e vinha, transformando suas mansas ondas, em finíssima renda espumante. Então, vi uma enorme concha rósea. O mar teimava em jogá-la à praia, fazendo-a deslizar pela areia úmida. Depois de admirá-la, como se fosse uma rara jóia de madrepérola, adornada de esmeraldas e rubis brilhantes, cuidadosamente, levei-a para casa. Após retirar toda a argamassa, que a recobria, lavei-a, pendurando-a no varal.

Nisso, um estranho morador, um caramujo, esticou sua cabeça para fora de sua toca, a concha, e pôs-se a observar o local, em que se encontrava. Estava amedrontado: sua mansão, sua privacidade, havia sido violada.

Compreendendo seu conflito, reconduzi-o ao mar. Feliz, livre, arrastou-se em direção às agitadas ondas, de onde jamais deveria ter sido resgatado. Mas o que está acontecendo? Ora, apenas a chuva, batendo no telhado, como cabeças de alfinete, tamborilando nas teclas do piano...

Ampulhetas girando, lembranças, que desejava esquecer... No recanto silencioso do meu ser, tudo era emoção. Nervosa, aflita, andava pela casa de um lado para outro. Ouvi um toque na porta, quase arranhão. Assustei-me!

– Quem está aí?

Nada de resposta. Olhei pelo visor: ninguém. A batida, que havia cessado, continuava agora, com insistência. Abri a porta, um pouquinho, para ver quem estava lá. Nisso, um vento fortíssimo escancarou-a. Caí, sentada.

Apavorada, olhei ao redor. O ambiente havia se transfigurado. Um clarão ofuscante iluminava a sala, e alegres sombras brincavam diante dos meus olhos. Não conseguia distinguir as figuras.

Fiquei muda, traumatizada, sem movimento. O pavor paralisou-me. Os vultos, como entraram, saíram. Sem mensagens! Fantasma? Almas perdidas no espaço? Talvez, quisessem mostrar que, além desta vida, houvesse “Algo” para crer. Tempo não pára, coração não acelera... Há momentos, em que se procuram explicações, além do humano...

Alucinações?

UM BURACO NA FECHADURA

Desde que o circo chegou à vila, seus moradores se modificaram. O ritmo pacato daquela gente sofreu um impacto emocional. Nunca haviam visto coisa mais surpreendente: artistas balançarem em trapézios; acrobacias em bicicletas; equilíbrios em arame; mágicos transformando lenços em borboletas; pombas, saindo de cartolas, e pratos girando sobre varas!

As crianças foram as primeiras a encantarem-se. Nada de escola e afazeres, queriam só ver leões, macacos e aqueles malabaristas famosos. Moças e rapazes acharam a maior aventura imitar um circense: pôr os pés no mundo, viajando, subir em trampolins, equilibrar em cordas bambas e, acima de tudo, ter a satisfação de ganhar dinheiro.

Até os homens e mulheres maduros passaram a ver o serviço normal como uma rotina cansativa: bom mesmo era ser palhaço e assistir às representações. E agora, mané? Ninguém queria mover uma palha, só se divertir.

Assim foi, até o dia em que o circo partiu para exhibições em outras paragens. O espetáculo tinha de continuar. Os capiaus fizeram barricadas para impedir sua saída. Mas os armadores dessa fantasia foram embora, apesar dos rogos da população!

Muito tempo depois, os habitantes daquele vilarejo ainda se lembravam, com saudade, daqueles dias em que foram envolvidos pela magia da diversão sonhada.

O CÉU É DOS PEQUENINOS

Nasceu em Nambu. Tinha um cacoete, antes de dizer qualquer coisa, fechava a boca, fazia um biquinho e emitia um som “chi-i-i”. Era considerado um tapado, pois tinha dificuldade em aprender. Por onde passava, os moleques caçoando gritavam:

– Lá vem o Chii.

Apelido que pegou. Apesar de limítrofe, Chii tinha bom coração: não ofendia e protegia os animais do local, onde residia, uma tapera (cedida por alguma alma caridosa).

Levara os bichos abandonados, tratando-os, se estivessem doentes, repartindo, com eles, o pouco de comida que tinha. Assim, qualquer animal pequeno, ou de grande porte, encontrava guarida em seu barraco. Populares, cientes desse procedimento, passaram a auxiliá-lo, cercando-o dos cuidados, de que são merecedores, os “pobres de espírito”.

Desse modo, Chii tornou-se quase uma lenda, um exemplo de generosidade e amor.

Ao descer do ônibus, notei uma fisionomia familiar. Parei e encarei-a. Porém tive quase certeza de nunca tê-la encontrado.

Recordava-me uma gravura antiga, que me estarreceu um dia, ou, talvez, um retrato, já amarelecido pelo tempo. Céus! Quem seria? Olhei-a, fixamente, outra vez. Senti um arrepio. Oh! Sim! Traços semelhantes aos de uma querida falecida amiga. Por brincadeira, sempre dizia:

– Se for antes de você, voltarei para vê-la.

Sem dúvida, era ela, cumprindo o prometido. Do susto, veio a saudade...

Nas tardes quentes de verão, meu irmão, mais velho, e seus amigos iam nadar na Cascatinha.

Que lugar encantador!

O riozinho, jamais caudaloso, a não ser na época das grandes chuvas, vinha de longe, das montanhas, calmo, calmo e nunca profundo.

Quando chegava à Cascatinha (assim o povo a chamava), formava uma reentrância, ou lagoa serena, antes de desaguar numa pedreira, mudando seu ritmo pacífico para uma correnteza, não, amedrontadora.

Rolava pela pedra com o barulho e a velocidade de uma não alta, nem perigosa cachoeira, para o divertimento da garotada local.

Enquanto as crianças se divertiam com o chuveiro natural de água abaixo, os meninos maiores nadavam cachorrinho, na bacia formada pelo rio acima.

Um dia, meu irmão resolveu ensinar-me a nadar. Mas, para a maninha, a formação do tanque, rio acima, era bem funda. Então, solucionou o problema: amarrou uma corda, em árvores de um lado e do outro da lagoa, e colocou-me um cinto, preso a uma argola móvel, firme ao fio, que atravessava a água.



Ele, excelente nadador, levava-me nas primeiras braçadas, dando-me coragem para ir à frente. Esse treino durou várias lições, até o dia em que me liberei das proteções e o acompanhei como aplicada aprendiz.

Nadei sem medo, com confiança.

Cheguei, mesmo, a ser tão boa, que, numa aposta, consegui vencê-lo.

Nesse dia, recebi o título de “Supernadadora mirim”.

NAS TRAMAS DA REDE

Vivo numa geração, que não é a minha. Sinto uma vontade imensa de adaptar-me aos tempos atuais, compreender certos fatos desta globalização perturbadora. O mundo encolheu, os valores mudaram... Sou uma intrusa no agir do dia-a-dia.

Qualquer nível social sofre o impacto das informações galopantes, atingindo todos os setores do movimento mundial. É a comunicação, gerando procedimentos de consumismo exagerado... Assim refletindo, liguei a tevê: vi uma dona em “trajes sumários”, realçando as pernas com meias pretas, rendadas 3/8, presas às coxas com ligas ajustadas.

Essa garota-modelo fazia enorme sucesso, mas era a primeira vez, que a via exibindo-se. Admirei sua “performance” original, mas a mercadoria (nesse caso, as meias), que tentava lançar como moda “up”, ridícula, além de incômoda, parecia-me imprópria para a estação.

Logo mais, abri os jornais: uma passeata de aposentadas fazia protesto contra a corrupção diante da Câmara Municipal. Todas usavam as tais meias. “Até que há gente com o desatino de acomodar-se nessa peça horrorosa”, pensei.

Esqueci a reportagem e... numa dessas saídas para o supermercado, passei diante de uma banca de jornal. Não é que havia um grande painel com a “tal”, vestida apenas com um bois

de plume*, e, nas pernas, mostrando, em destaque, as rendadinhas transparentes?!

Gente, o que aconteceu comigo? Desta vez, achei uma riqueza as pretinhas e dignas de fazer parte do vestuário de uma mulher elegante (nesse caso, eu). Eram bem caras, mas valiam como acessório em uma toalete finíssima... Imaginei: faria o maior sucesso com aquelas lindinhas, num baile da terceira idade! Meus parceiros ficariam babados... Até desmaiariam se me vissem, também, com o chicote e a máscara!

Então, pedi ao jornaleiro:

– Por favor, quero comprar a “Playboy”, em cuja capa há uma excêntrica seminua.

O vendedor olhou-me, com certa estranheza:

– A senhora faz muito bem em levá-la agora. As revistas estão acabando, quase todas foram vendidas. Esta dançarina é um chamariz, tremendo acontecimento! Nestas páginas, Tiazinha ensina “tudo”...

– “Tudo?!” – exclamei aos gritos, – tudo mesmo?

E mais que depressa, adquiri o precioso material escrito e documentado. Com a valiosíssima revista, debaixo do braço, corri à loja de artigos femininos. Queria, desesperadamente, ser proprietária daquela maravilhosa, chamativa e atraente meia rendada, para sentir-me como a própria coqueluche da mídia.

* *bois de plume* (em francês) – *bosque de plumas*

EMBARAÇOS

Chovia “gatos e cachorros”. O guarda-chuva furado vazava os pingos. Ainda teria de enfrentar uma escadaria escorregadiça para chegar em casa.

Escalei os degraus com extremo cuidado. Porém, bem no meio da passagem, um bêbado, com uma garrafa na mão, interrompeu meus passos apressados, pedindo-me um trocado para comprar um pedaço de pão.

Amedrontada, enfiei quase o braço todo dentro da bolsa, mas, em vez de uma moeda, dei-lhe minha fivela.

Corri. Enganei-me. Bolas!!! O que quero mesmo é fugir desse indivíduo, bêbado e mal-encarado!

IMPREVISTOS

Subia as escadas, meus pés escorregavam. O relógio de pulso saltou e caiu sobre a areia. Felizmente, não quebrou, pois tombou sobre um sabugo macio, que o aparou como um suporte aveludado.

Que aventura! De um deslizar, surgiram tantas surpresas! Onde deixei minha caneta para registrar o ocorrido?

Ora, vejam só, perdi, também, meu anel!!!

UMA TRAMÓIA

Após oito meses de uma vida conjugal conflitante, Denise e Rafael ainda continuavam juntos. Ambos se mordiam de ciúmes e, por um “dá-cá-toma-lá”, brigavam, acusavam-se e chegavam até as vias de fato, esbofeteando-se.

Dizia o marido:

– Você olha tanto para os homens, que, se fosse possível enrolar com uma linha todos os seus flertes, teríamos vários carretéis.

Ela retrucava:

– Você e suas mulheres! Nenhuma escapa ao seu exame clínico. De relance, já lhes tira a roupa!

Era aquele brigueiro, embora, quando reconciliados, vivessem delícias celestiais.

Certo dia, ambos, em horários diferentes, receberam um bilhete. Para Rafael: “Se você quiser surpreender sua esposa com um cavalheiro, basta ir, amanhã, entre dez e doze horas, ao Hotel Sheraton e perguntar pelo casal Anderson”. Para Denise: “Se você quiser ver o seu marido, amanhã, com uma outra, vá ao Hotel Sheraton, entre dez e doze horas e pergunte pelo casal Anderson”.

Ficaram chocados. Tentaram não levar a sério a mensagem, que, afinal, era anônima. Mas, no dia seguinte, cada um arrumou uma desculpa a fim de estar livre das dez às doze.

Denise chegou ao Sheraton, perguntou pelo casal Anderson e encaminhou-se para a suíte indicada. Rafael a seguiu, sem ser visto. Denise bateu à porta dos Anderson: o casal era completamente estranho.

Rafael chegou. Ambos se entreolharam, pasmos diante da trama.

UMA LENDA

Tarde ensolarada. Jardim paradisíaco. Plantas exuberantes. Riachos cristalinos. Flores exóticas, perfumadas, coloridas, sedutoras. Pedras valiosas. Tesouros recônditos!

Vivendo nessa preciosa dádiva celestial de natureza pródiga, um REI, nascido em berço esplêndido. Adormecido, gozava o que lhe fora ofertado pelos céus... Embriagado, por todas essas benesses, sem maldade, sua única visão: o BELO. No entanto, de olhos fixos no crepúsculo de verão, colorido de verde, amarelo, branco, azul, um gigante, Adão, cobiçava toda a maravilha daquele Éden. Possuía poder, ambição, orgulho, potência destruidora. Tudo pronto para agir.

Escondido, em sua insignificância, sem voz, nem vez, um rato faminto, por justiça, avaliava as ocorrências, clamava aos ventos, mas seu fraco grito não era ouvido. Então, desejou roer as ricas vestes do rei, a fim de despertá-lo para a verdade e ferir, com pedras, as andanças de Adão, tentando estancar seus instintos devastadores.

O que fazer? Qual arma usaria nessa luta desigual? Sabia. O rato é um ser desprezível, rejeitado, perseguido, desrespeitado. Era necessário fazer-se ouvir. Como? Em grupo. Várias vezes reclamando, propondo soluções, destruindo o mal, protegendo o bem. Poderia um rato transformar-se em Adão, ou Rei?

A corrupção e a destruição só seriam abafadas, quando forças unidas tomassem consciência do viver a fraternidade. Só assim, a impunidade dos grandes cairia por terra. Os pequenos, então, dominariam o mundo.

Utopia?

Era uma vez, um jardim esplendoroso, um pedacinho do Paraíso, transportado à Terra, para deliciar os corações sensíveis.

Todinho plantado com flores perfumadas, coloridas (rosas, cravos, jasmims, camélias, gerânios, lírios, margaridas, violetas, amores-perfeitos, miosótis), com o fito de reprimir a torpeza dos homens e, também, ensinar-lhes pensamentos elevados, gestos gentis. No dizer do poeta: “Foi o amor que o semeou”.

Todos os dias, ao amanhecer, uma linda jovem vinha regar as plantas e, ali, permanecia horas, até o sol se pôr.

*“Com a névoa, como manto,
a fada da madrugada
aumenta a graça e o encanto
daquela rosa orvalhada”.*

Os passantes, ao vê-la, elogiavam, referindo-se à exuberância magnífica daquele impacto dadivoso da natureza.

Um dia, porém, o espírito da inveja, incorporado em lagartas, formigas, pulgões e outros insetos malignos, sem ser convidado, ultrapassou os gradis do jardim, invadindo canteiros, pisoteando as plantas rasteiras e, estouvadamente, arrancou-as, devorando, ou jogando-as ao chão, para que morressem.

A fada da madrugada, regressando ao nascer do sol, viu e lamentou aquela destruição. Triste, voou, com diáfanas asas, para o “Reino do Bem”, onde se cultivava, como flores, o Belo, a Verdade e a Harmonia, tesouros indispensáveis para encontrar o caminho da felicidade e a chave da compreensão.

UM URSO SEM TOCA

- História Infantil -

Era uma vez um urso. Depois de passar três estações, primavera, verão e outono, gozando as delícias dos climas tépidos, percebeu o inverno aproximar-se. Procurou um local para hibernar, durante os gélidos dias que se seguiriam.

Bem alimentado, durante meses, armazenou resistência física suficiente, para dormir em paz. Encontrou uma toca ideal, profunda, segura. Ajeitou-se e adormeceu por longas e longas noites.

Quando acordou, surpresa! Estava fechada a entrada da toca. Como? Havia sido coberta por um material duro. Estava aprisionado. Com esforço, abriu uma cavidade, precisando usar muita energia e habilidade para poder sair.

Uma vez livre, corpo inteiro, olhou a seu redor: não foi a vastidão gelada, que enxergou, nem flores, rios ou mar... Enquanto nosso urso hibernava, construíram uma fábrica de material pesado, bem ali, em cima de sua toca.

Então, espantado, viu estranhas criaturas a gesticular, emitindo urros dissonantes. Aqueles homúnculos correram em sua direção, tentando explicar que seu aspecto bizarro era inadequado ao serviço e à temperatura ambiente. Era impróprio a um operário apresentar-se com barba e cabelo por

fazer e um agasalho peludo e malcheiroso, a bem da verdade, fedia a urso.

Vamos lá! Os dias se passaram e todos se acostumaram com aquele cabeludo companheiro. Devia ser surdo-mudo. Pois só compreendia gestos, expressando-se numa linguagem animal: – Hu-u-u! Contudo executava um serviço perfeito, principalmente, o de carregar pesos. Com paciência, ensinaram-lhe a movimentar máquinas. O trabalho era rotineiro, e o urso aprendeu sim, era até fácil.

Por motivos óbvios, um dia, a fábrica fechou... Justo agora que o urso está convencido de ser humano. Puseram o “coitado” para fora. Não, na rua, mas, no gelo. E agora? Como resgatar sua selvageria?

Caminhou rumo ao mar. De longe, viu seres parecidos com ele, até na cor branca e pêlos. Resolveu aproximar-se. Porém aquele grupo brincalhão e amistoso entre eles, quando o viu, assustou-se e começou a observá-lo.

Cheirando o ar, disseram:

– Que bicho é esse? Tem nosso aspecto, mas cheira a homem. Vamos expulsá-lo daqui...

Assim o fizeram. Foram de unhas e dentadas, atacando-o... Até os pequeninos o maltrataram, arrancando seus pêlos e dando-lhe rasteiras para derrubá-lo. Amedrontado, fugiu... E agora, aonde ir?

Avistou, então, uma aldeia de esquimós. Achevou-se, mas que estranho! Apesar de seu sorriso, as pessoas de lá, munidas de pedras e porretes, foram ao seu encontro, quase o matando de tanta pancada...

Conseguiu escapar. Todo dolorido continuou sua andança. Estava cansado, faminto, sem ninguém para socorrê-lo... Onde estavam os amigos, que o alimentavam, sem que pedisse?

Ó desdita! O melhor, mesmo, seria dormir para esquecer... Viu uma pedreira, bem perto do mar, encaminhando-se para ela. Recostou-se e adormeceu. Sonhou. Que lindo sonho!

Era um urso e, por sua própria natureza, pescava, acasalava, recolhendo-se em uma gostosa toca para hibernar no inverno. Como era feliz... Nada como ser aquilo que a natureza lhe havia dado... Ao acordar, o urso sentiu-se “urso” novamente, retornando às origens de sua vida selvagem.

Acabou a história, quem quiser que conte outra...

MAGIA DE UM CARRILHÃO

*“Velho carrilhão de vidas!
Com tempo brinca, girando
pelas horas vindas e idas,
ao futuro nos jogando.”*

Veio de Paris, no princípio do século passado. Foi presenteado a meu pai, por ocasião de seu casamento, em 1904.

A caixa, trabalho artesanal francês, e a máquina feita por relojoeiros suíços.

O carrilhão é uma peça preciosa, digna dos melhores museus do mundo.

Como meu bisavô conseguiu tal raridade? Nunca o soube, sua história perdeu-se no espaço.

O fato é que, por direito hereditário, passou a fazer parte do patrimônio de minha família e, atualmente, sou sua única proprietária.

Há poucos anos, trouxe o relógio da casa de meus pais.

Muito antigo, não é de se admirar que tresande um pouco.

Possui uma corda para andar os ponteiros e outra, para bater horas.

O carrilhão badala a seu bel-prazer, assim como, inexplicavelmente, ora adianta, ora atrasa.



Na verdade, essa defasagem não me aborrece. Há muito desanimei de querer as coisas deste mundo “cer-ti-nhas”...

Seu bater suave é compassado, e o som me transporta para as noites longínquas da infância. Às vezes, tenho a ilusão de ouvir fundo o murmúrio de vozes dos que se foram...

Comparo-o a uma sábia coruja, que segue passos, vigia e observa, tranqüila, no correr dos dias. Marca instantes de envolvimento familiar: risos, choros, participando de meu cotidiano.

Seus badalos acompanham as turbulências de um horário a seguir.

Por muitos momentos, imagino ter alma, transpirar emoção.

Várias foram as ocasiões importantes, em que manifestou sua presença: badalava alto ao principiar um evento e, ao seu término, parava também.

No dia do falecimento do chefe da família, o relógio marcou a saída do féretro com um triste bater de horas e, por muito tempo, silenciou... Malgrado as tentativas dos relojoeiros para vê-lo funcionar! Depois, sem mais esta, pôs-se a movimentar.

Ó amigo! Certamente, mãos cheias de magia o esculpiram, pois, no seu repicar musical, pulsam sentimentos humanos...

O SENHOR TAPETE

Quando pequena, na sala de visita de casa, tinha um grande tapete floral. Lindo de morrer! Recomendavam todo cuidado com ele: não - pisá-lo, com sapatos sujos; não passear de bicicleta, em cima dele; não comer, sobre ele... Não, não, não! Eram tantos os recados com “não”, que comecei a ter medo.

Talvez, fosse um tapete mágico, voador, feito de um tecido especial. Todos diziam que era caríssimo, confeccionado à mão, por mulheres tecelãs de um país distante, muito além do mar, que se chamava Pérsia. Na minha imaginação infantil, deveria ser a terra dos gênios do bem e do mal, dos gigantes, das fadas e feiticeiras, que comiam criancinhas... Que horror!

Mas, assim mesmo, o tapete me fascinava! Parecia um campo de flores coloridas, com pássaros paradisíacos... Pena que só podia apreciá-lo sem tirar, sobre ele, uma soneca, ou levar minhas bonecas para passear, naqueles bosques tão floridos e verdejantes...

Quando tinha de atravessar a sala, ia bem devagarzinho, andando só na parte do soalho, com receio de estragá-lo. Mas, um dia, resolveram passar sinteco no chão e chamaram quatro homens para embrulhar e transportar o tapete para um outro lugar da casa. Fiquei de olho, perto da porta de saída. Qualquer coisa, poderia correr para a rua e me defender. Até a polícia chamaria...

Mas que decepção! Debaixo do tapete, não havia personagens estranhos, como eu esperava... Só pó!!!

*“Não era feito de
ouro, nem de prata,
nem mesmo de
sangue de barata”.*

SOLIDÃO

Nem bem surge o rubro da alvorada, nem bem se aquieta a noite, novamente, calmas, esperadas gotas de chuva, após prolongada estiagem. Na vegetação, escorrega o suor abençoado: chuva, nuvens, que choram graças sobre a natureza sedenta.

Da janela descortina: terra molhada, com brilho de aquarela! Como é bom ver o solo revivendo... Olho para meu jardim. Noto a solidão da flor azul única, diferente, sem quem, sem quê, sem porquê... Então, sinto-me canoa sem rumo, folha seca na enxurrada da calçada...

Confirmo para mim mesma: sou uma partícula mínima, na essência de um Todo.

ENREGELADO

Quando eu soube de seus atos grandiosos, pensei: “Pai de Todos” seria uma qualidade inerente a ele, tão generoso, tão magnânimo... Seu astral sempre aberto, disposto a uma ação altruísta. Para retratá-lo de leve, lembro-me de um fato ocorrido, num dia gelado de inverno, em minha cidade natal.

Um miserável, apenas, protegido por um saco, tiritava de frio... Ao vê-lo, esse meu amigo – que prefiro manter no anonimato – não teve dúvida: retirou seu próprio agasalho, pondo-o nas costas do mendigo. Esse não teve palavras a dizer, senão essas:

– Que um MURO o proteja de todo mal, e que sua vida seja protegida, sempre, da CARTOLA maligna e disfarçada do Diabo.

EMBONECADA

Sonhava ter mais idade para poder me pintar e sair à rua, como boneca produzida.

Aproveitando a ida de uma prima a Paris, encomendei um estojo completo de maquiagem facial. Dei até o endereço onde encontrá-lo: na “Galerie Lafayette”. Blush com pincel, erase para os olhos, batom e “poudre” seriam o suficiente. Ficaria radiante, se atendesse meu pedido. Aguardei, ansiosa...

●
88 No dia de seu retorno, fiz-lhe uma visitinha de boas-vindas. Como alguém que nada quer, perguntei-lhe:

– Você trouxe o que pedi?

– Sim, por sinal, está aqui na frasqueira, vou entregar-lhe.

Saltei de alegria interior... Agradei comovida, quase às lágrimas:

– Oh! Muito obrigada. Você me faz feliz.

Em seguida, retirei-me, pois não via a hora de experimentar todos aqueles produtos maravilhosos!

No meu quarto, em frente ao espelho, após retirar os invólucros da encomenda, iniciei minha transformação: agora, top-model!

Ninguém vai me reconhecer: vou tornar-me bela – como nas histórias, que ouço –, uma donzela encantadora. Todos me olharão admirados, e os garotos do colégio, certamente, vão cair aos meus pés e pedirão para namorar-me!

Coloquei meu vestido “de ver Deus” – de ir à missa aos domingos –, meu melhor sapato, pentei meus cabelos para cima, parecendo mais velha, e vamos começar...

Pinteí meus olhos, com rímel e delineador; minhas sobrancelhas, com lápis apropriado; passei pó-de-arroz; com pincel e rouge, duas bolas nas faces, e batom, difícil, não contornou os lábios, ficou acima e abaixo, borrou um tanto, falta de prática!.

Lembrei-me da canção: “Marina, morena Marina, você se pintou...” Ah! Deixe pra lá. Estou linda! É o que importa. Para que se preocupar? Agora, vou mostrar-me. Vejamos a reação.

Meus irmãos estavam tomando lanche na copa. Faria minha aparição espetacular... Eles se admirariam, dizendo: “O que aconteceu com nossa maninha? A fada madrinha, com sua varinha de condão, esteve aqui? Quando será o grande baile do príncipe casadoiro?” Então, apareci, como uma artista de palco, toda pimpona...

89

●

Que decepção!...

– O que aconteceu? – perguntaram –, você vai trabalhar no circo como palhaço?

E começaram a rir, às gargalhadas. Correndo, voltei ao quarto, retirei meu traje de festa e sapatos, lavei o rosto com sabão, para retirar a maquiagem, retornando à copa.

“Esses meninos não entendem mesmo – pensei –, nem sabem apreciar o chique de uma dama...”

Papai era compulsivo a chocolates, sua preferência notória! Porém tinha uma comparsa, eu, sua filhinha caçula. Embora esse confeito me fosse absolutamente nocivo, dava-me tremendas dores de barriga, até sonhava com ele e com seu gostinho delicioso.

Sempre que surgia uma oportunidade, devorava-o a faltar-me, pois, mesmo sem óculos de aumento, minha gula era maior do que meus olhos. Daí, qualquer chocolate em casa era trancado a sete chaves e distribuído, em unidades, após as refeições, ou em horário certo, de acordo com o relógio caseiro, minha mãe.

Papai e meus irmãos conformavam-se com essas determinações, menos eu. Sentia até as pontas dos cabelos se arrepiarem, quando todos recebiam suas porções, igualmente, divididas. Achava-me injustiçada e queria sempre um pouco mais. Para mim, tablete de chocolate era comida e não, uma simples sobremesa agradável ao paladar.

Veio o aniversário de papai. Seus companheiros de trabalho enviaram-lhe uma enorme caixa de bombons. Meu pai, ao recebê-la, sentiu-se feliz e realizado. Antes que mamãe soubesse e meus irmãos tomassem conhecimento do magnífico regalo, papai resolveu escondê-lo para poder saborear sozinho e na quantidade desejada.

Não notou, porém, que havia uma espiã. Pela fresta da porta, seguiu com os olhos os seus passos. Papai, pé ante pé, quase caindo ao tropeçar no terceiro degrau – o taco estava solto –, dirigiu-se da escada ao seu quarto. Abriu o armário, colocou a maravilhosa caixa, na parte de cima, debaixo de umas revistas velhas. Olhou para trás, para verificar se havia sido seguido, e sossegou. Ninguém à vista. Saiu do dormitório, fechou a porta e desceu. O esconderijo estava perfeito.

– Ouvi alguém batendo na porta da rua, você atendeu? - perguntou-lhe mamãe.

– Sim, era um telegrama de amigos - riu, baixinho.

– Já o guardei - respondeu papai.

“Que bom! Segredo mantido. Desta vez, vou comer bombons até...”, pensou. Mas a pequerrucha estava atenta. Vi muito bem onde papai pôs o presente. E, passo a passo, devagarzinho, silenciosamente, foi para cima, abriu com cuidado a porta do quarto, fechando-a em seguida. Arrastei uma cadeira para alcançar a parte alta do armário e puxei a caixa, que foi ao chão, com todas as revistas. Para a minha sorte, o barulho não foi ouvido.

Hum! Que gostoso! Fui logo pondo dois bombons na boca. Mas eram de cereja com licor. Minha roupa se sujou toda e, também, o tapete! Querendo corrigir o mal-feito, esfreguei as mãos, na camiseta e no carpete. Puxa vida! A tentativa de limpeza foi pior do que a sujeira. Ficou uma caca!

O melhor seria fugir e me fazer de inocente: “Nada vi, nada sei”. Para o meu maior temor, ao correr, pisei em vários bombons, formando uma pasta molhada pelo chão. Andei ligeirinha. Para fora, já!

Ao abrir a porta: MAMÃE!!!

A COISA MAIS BELA - O AMOR

Meu galante cavaleiro,

Quando o vi, pela primeira vez, em seu uniforme de CPOR, cavalgando um possante tordilho, apaixonei-me. Senti as batidas de meu coração se acelerarem e minha vista ofuscar-se.

Não poderia, jamais, traduzir aquele momento tão imaginado na minha fantasia.

Como não havíamos sido apresentados “ainda”, sugiro: poderíamos nos encontrar? Quando? Onde? No país do irreal? No mesmo lugar, onde a esperança e o amor andam juntos? No momento, caminho pelos verdes anos e você, homem feito. Embora muito jovem, meus sentimentos são maduros...

Você já viu uma chuva transformar-se em gotas de prata? A luminosidade de uma vela ser ofuscante como sol? Assim aconteceu quando o vi...

Você, um sonho, tornou-se. “Eu” e meu pensamento... Você! Meus devaneios transportaram-me para um local, onde só o amor sobrevive... No presente, o muito que poderia almejar seria: você esperaria por mim até eu crescer?

Aguardarei sua resposta dentro de alguns anos.

Cheia de amor,
Glorinha

RUÍDOS DO SILÊNCIO

Adamo sentia-se cansado. Tivera um dia de cão, no escritório, excesso de trabalho.

Ao chegar em casa, após tomar um copo de leite quente, encaminhou-se para o seu quarto.

As crianças, dois filhos, ainda não haviam chegado da escola, e sua mulher teria saído para as intermináveis compras diárias. O silêncio fora pescado! Para alguém que necessitava repousar era ideal. Como seria bom se pudesse se ver livre dos incômodos ruídos e dos danos, que eles provocam. Sua cama tão convidativa. Soprou o silêncio, com a intenção inconsciente de libertar-se dos estresses.

Cochilar, só por um pouco, e acordar com toda aquela energia, que lhe era peculiar.

Adamo recostou-se em seu travesseiro, procurou costurar o sono. Fechou os olhos, quase dormiu. Porém, um pesadelo. Sua preocupação aumentava, na proporção em que pedacinhos do barulho penetravam no ambiente de seu quarto: buzinas disparavam, sirenes apitavam, máquinas rangiam, motores rondavam, construções batucavam, pessoas gritavam, músicas, apitos...

Sons. Onde o sossego, a calma, a paz? Vozes? Pressão, impressão? Vida? Consciente, inconsciente?

Sim, Voz do silêncio!

BICICLETA ERGOMÉTRICA

Sonhava, como uma criança, possuir uma bicicleta. Não qualquer bicicleta, mas, uma ergométrica.

Seria maravilhoso fazer exercício sem sair de casa. Pedalar, pedalar...

E a barriguinha ir-se e as gordurinhas excedentes do corpo serem consumidas, sem risco de assaltos, atropelamentos, observações fatigantes, suor à vista, ou gracejos desagradáveis:

- Aí, velhinha! Vai a alguma maratona?

Foi então que passei por uma loja de esporte e fechei o negócio.

Quando recebi a compra, pela primeira vez, caí na realidade: o aparelho era qualquer coisa “descomunal” para um apartamento pequeno, além de ser uma peça nada decorativa. Enfim, um trambolho!

Onde colocá-la?

Na sala? Só se fosse no lugar da TV. E esta, onde ficaria?

No banheiro? Cheio de peças necessárias à higiene e outras “cositas más”. Portanto nem pensar! Não haveria espaço.

No quarto? Ora, a cama já ocupava todo este recanto de sonecas, “paraíso da preguiça”.

Na cozinha? Que disparate! É tão estreita! Mal dá



para as refeições. Quando entra uma pessoa, a outra tem que sair.

Já sei! Na área de serviço! Nos dias de lavar roupa, arrasto a “bicicletinha” para dentro, até que os varais estejam livres. Então, sonho meu, volte pra lá, no ventinho...

Assim foi feito.

Tudo certo! Um pouco desconfortável. Paciência! Já estou acostumada a ajeitar-me “ajustadinha”. Às vezes, isso é bom...

Ma-li-ci-osa!

Na manhã seguinte, bem cedo, toda vestida de esportista fanática, como quem vai a um clube, fui malhar, estreando minha sonhada aquisição.

Peguei um bom livro de contos, um tanto erótico: “A Vida como a Vida é”, de Paulo Figueiredo. Conhece? Só é possível lê-lo fechando um dos olhos, para que os dois não se escandalizem.

Preparei-me e iniciei o treino. Os primeiros vinte minutos, conforme as instruções, são para circulação e os outros quarenta, para tornar-se elegante.

Enquanto movimentava as pernas, pretendia deliciar-me com as narrativas engraçadas e picantes do Paulo. Mas o prazer durou pouco.

A cabeça, acompanhando o corpo, inclinava-se e fiquei tonta, talvez, por ter labirintite crônica.

Que pena! Parei a leitura e concentrei-me, apenas no exercício.

Após alguns minutos, comecei a achar o movimento rotineiro, monótono.

Aí, meus pensamentos entraram em ação.

A princípio, recitei poemas, lembrei fatos agradáveis, depois, soltei os fantasmas dos pagamentos, dos compromissos sociais, do dia-a-dia preocupante.

Cheguem pra lá! Agora é só saúde! Nada de aborrecimentos! Que coisa! Será que não se pode exercitar sem a presença do pesado da vida? Bolas!

Os minutos não passavam, o que era bom deixou de ser.

Tudo isso no primeiro dia de experiência esportiva caseira.

O que seria depois?

Sabia: para o pedalar produzir efeito, é necessário continuidade. Não haveria resultado positivo sem persistência.

Comprei um sonho, ou um pesadelo? Veremos com o correr dos dias.

Infelizmente, sempre a mesma coisa: problema de espaço, monotonia, falta de estímulo, pensamentos negativos. E só!

A tal de ergométrica, uma chateação!

Agüentei um semana e chega.

Antes que sofra dos nervos, seria preferível o prejuízo: vi o dinheiro da compra vo-an-do!

Decidi.

Na calada da noite, pé ante pé, lembrando-me do filme Pantera Cor-de-Rosa, com David Niven, pus, debaixo daquele monstro, que me perturbava, um tapete e arrastei-o pelo corredor afora, até o elevador, descendo no térreo.

Verifiquei se havia alguém à vista: o guarda, como bom segurança, roncava.

Abri a porta da rua e, com toda a minha musculatura, carreguei-a, colocando-a em frente à lixeira do edifício.

Silenciosamente, regresssei. O vigia dormia ainda. Com o tapete nas mãos, subi pelo elevador. Pronto! Sã e salva, livre daquele instrumento de suplício.

No dia seguinte, espalhou-se a novidade: uma bicicleta ergométrica novinha fora esquecida na calçada!

Quem seria o dono?

Por acaso, roubada?

Polícia interrogando...

Nada sei. Ignoro. E tenho raiva de quem sabe!

Costumo respeitar a “lei do silêncio”!

E.T.s!!!

Nas minhas lembranças, resgate da memória infantil, ouço o bimbalar da chuva no telhado.

Para mim, um brinquedo cheio de coisas barulhentas. Imaginava ser um E.T. verde, a me amedrontar, com seu esquisito tamborilar de dedos.

Andréia e Gabriel eram namorados e amavam-se muito. O maior receio do casal era que alguém pudesse se interpor entre eles. Daí, brigarem, por ciúmes.

Certo dia, receberam um bilhete anônimo. Para Gabriel: “Sua namoradinha estará amanhã na Sorveteria Kidoce, às três horas, com um novo fã. Um amigo.” Para Andréia: “Seu namorado está apaixonado por outra moça. Se estiver interessada em vê-los, esteja amanhã, às três horas, na Sorveteria Kidoce. Uma amiga.”

Ambos, magoados, ficaram remoendo de despeito, de dúvida, de dor. Sentiam-se subestimados, postos de lado, traídos. Assim, sem que o outro soubesse, resolveram “pôr tudo em pratos limpos”.

Andréia não foi à aula, Gabriel não foi ao escritório, estando, em frente à Sorveteria Kidoce, às três horas. Por ser um dia comum de trabalho, e, além disso, muito frio, a sorveteria estava vazia.

Apareceram dois fregueses: Andréia e Gabriel. Entreolharam-se desapontados, sem assunto...

*“Não sabe o caminho
a pequena mariposa.”*

Lívia, ao término de um fim de tarde exaustivo, caminhava, lentamente, de volta ao lar. Trazia em suas mãos um pequeno pacote, que lhe fora entregue por um garoto desconhecido.

Sem coragem de abri-lo, tentava adivinhar seu conteúdo. Um aroma agradavelmente perfumado exalava do embrulho. Amarrava-o, um laço preso a um botão vermelho. Sem identidade, ou bilhete.

Rasgou um tanto do papel, que o envolvia. Viu, então, o tecido de uma luva, sua luva, cujo par havia perdido, ou esquecido, em certo local, no momento em que toda presença se fez ausente.

Na pátina do tempo, espelho da vida: janela, portas abertas refletem a realidade fria. Luva sem par. Sonho limitado... Lá, bem no fundo, resto de esperança!

OS ESTRANHOS

Bem quieta, olhava aquele ambiente tão diferente daquele em que estava habituada a viver. Vermelha de raiva, queria tomar uma atitude de defesa, sem saber o que fazer, ou o que dizer. Pela força, estava ali imóvel, amarrada.

Calei-me, desconfiada. O que desejavam de mim? Ninguém presente se manifestava, nem para me defender, nem para me atacar. Com o corpo a tremer, nada fazia. Foi quando a polícia chegou, com grande estardalhaço.

Os assaltantes fugiram.

OLHAR ATRAVÉS

Olhando para um cofre fechado, sentia-me a própria dama-da-noite.

Quisera ter olhos de gato para ver no escuro.

Que desdita! Como nozes varridas pela vassoura, tentava traduzir, com a escrita de minha caneta, o que se passava naquela escuridão: mistérios?

Barulho? O que o momento desejava de mim?

INDECIFRÁVEL

Maria, em vermelho, lidava com um elástico fustigando a areia.

Rabiscos foram desenhados com a aparência de polpa de fruta comestível. Mas quem seria capaz de decifrar o que ela tentou fazer?

Eram, simplesmente, indecifráveis.

TODO EM CORES

Pela janela de sua sala, um professor de pijama, em pleno sábado, via o belíssimo arco-íris, que atravessava o céu de um lado a outro.

“Se eu fosse um mágico, gostaria de poder usar minha bicicleta para pedalar sobre tão lindas cores, refletidas na azulada abóbada celestial, após a tempestade.”

“Mas resta um recurso: posso sonhar, imaginar e ser um fantástico caminhante nas nuvens coloridas.”

ARAPUCA

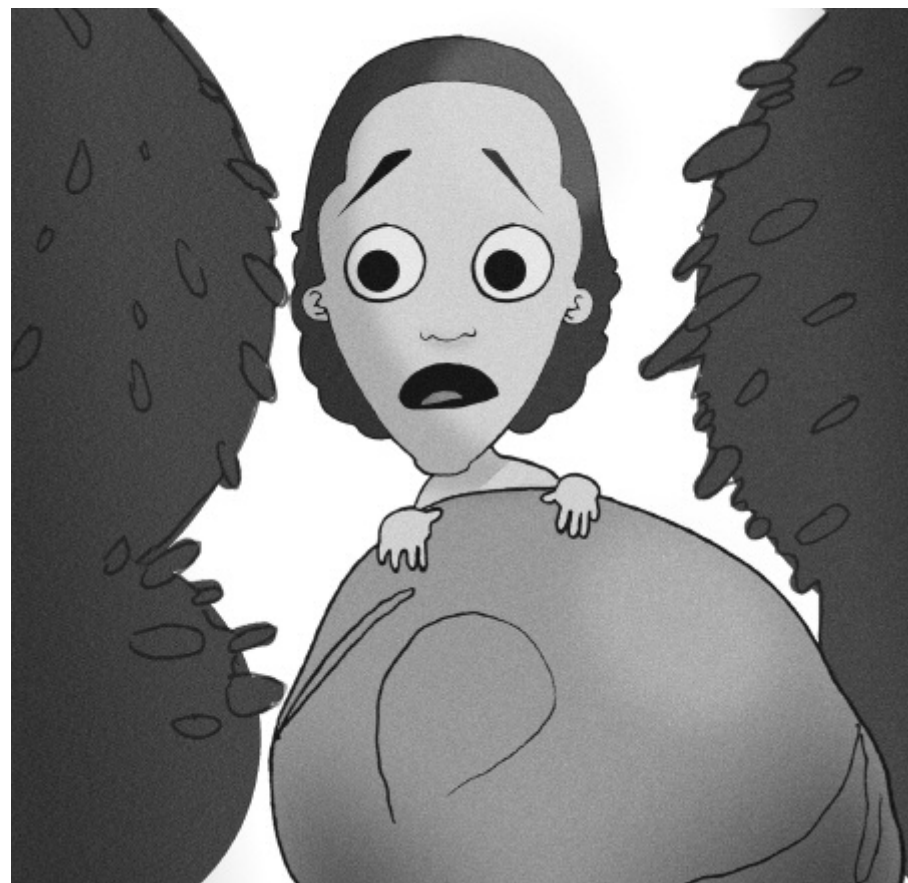
Arrumei as malas. Pensei na estrada de terra barrenta com pedregulhos soltos. Parti para as férias, após tantos dias de trabalho estressante, sempre apressada, a vigiar o relógio com horas aceleradas.

Fui convidada para passar uma semana num sítio, ao lado de uma reserva ecológica, onde havia: micos-leões dourados, bichos-preguiça, quatis, vários pássaros raros e, naturalmente, cobras, lagartos, escorpiões, aranhas, taturanas, mosquitos mais e mais...

Sossego? Iria encontrar, muito! Armazenaria saúde e paz, regressando à capital com disposição física e mental. E lá fui eu, dirigindo meu velho fusca.

Parecia uma perereca, saltando buracos pelo caminho rústico, lugar, em que passavam carros de boi, apinhados de cestos enormes. O carreiro levava-os, tranqüilamente, sonolento, acompanhando o ritmo dos animais: cena própria da vida campestre, no bojo de uma tarde quente de céu límpido.

Após recepção carinhosa, por parte dos amigos, instalei-me, confortavelmente, refresquei-me com boa ducha, participei de excelente refeição, feita, especialmente, em minha homenagem. E fui descansar.



No dia seguinte, calorento, aproveitei para conhecer os arredores. Sempre tive espírito pioneiro, uma curiosidade inata em descobrir lugares sozinha. Andar, no matagal, atraía-me.

Fui informada da existência de uma cascata no meio da vegetação. Vê-la de perto, seria uma opção para esse primeiro dia campal. Entrei mata adentro.

Caipira da capital, fui curtindo a beleza do verde: árvores gigantescas, pássaros canoros, zumbidos de insetos e até o barulho do pisar, em folhas secas, trazia-me sensações novas, envolvida, como estava, na magia do ambiente.

Ouvi, então, o chocalho d'água, desabando pedreira abaixo, batendo bruscamente ao encontro de uma bacia acolhedora, transformando sua fúria em apaziguante e confortadora lagoa, onde a vida animal e vegetal brotava.

Senti-me tentada a fazer parte daquela paisagem fascinante. Olhei para os lados, ninguém. Num ímpeto irresistível, despi-me. Saltei. Molhei-me, debaixo do jato gotejante da cascata, e nadei até a outra margem. Quando ouvi vozes aproximando-se. Escondi-me atrás de uma pedra. Aguardei.

Sem ser vista, de soslaio, contei cinco rapazolas. Fizeram, como fiz: tiraram toda a roupa e mergulharam. A brincadeira não cessava, era só risada, palavrões. Pareciam não ter fim as gozações entre eles.

A tarde declinava. Tremia de frio e de receio de que a noite me pegasse, nesse lugar estranho, e não soubesse orientar-me na volta. Apavorei-me.

Os mocinhos, cansados de nadar, resolveram se enxugar. Infortúnio! Descobriram minhas roupas! Foi uma diversão! Um tal de querer enfiar as peças íntimas um no outro! Os xingamentos! Cruzes! Impossível repeti-los.

Farto das besteiras, um deles sugeriu:

– Que tal jogarmos tudo na poça? Vai ser o “must”, quando, quem deixou esses trapos aqui, voltar. Que susto! Nada terá para vestir!

– Ótimo! Cada um pega uma destas belezinhas e atira na correnteza. Ganha uma cerveja, aquele que arremessá-las mais longe.

Vi os meninos prontinhos! E todo o meu vestuário, ondulando rio abaixo. Sem pensar, esquecida da nudez, saí do esconderijo e gritei:

–Parados! Essa roupa me pertence! Vocês não têm o direito de tocá-las. Xô, xô!!!

Os garotos, perplexos, largaram o que restava no chão e se mandaram.

Assustados, entre eles, dialogavam:

– E agora? Vamos ser repreendidos. A dona nua é hóspede da casa grande.

– Fomos avisados para tratá-la muito bem. Ela é a tal “Madame Chique”, como os donos da sede.

– Foi um mau começo.

– Também, sendo tão “bacana”, não tem sequer um traje “última moda” para tomar banho na cachoeira?

– Vai ver que é o “fio dental” moderninho, que se usa nas cidades grandes...

• Às gargalhadas, foram se afastando. Gelada, retornei ao lado oposto. O crepúsculo já se fazia presente.

Às apalpadelas, com pavor de ser picada por cobra, localizei uma única peça, um pé de meia. As outras? Perdidas... Que fazer?

Preocupe-me. Qual desculpa daria aos anfitriões, quando retornasse à sede? Desagradável!

Eta tarde besta!

Abri a porta para dar entrada aos “Anjos de Rubis”. Imaginação? Mas nada era além de um bordado, em ponto-de-cruz, em que trabalhava há dias.

Talvez, fosse mais fácil modelar botões, ou mesmo arquitetar couves decorativas, ou qualquer outra banalidade. E não pretender, em um pano, desenhar, com linhas, as imagens de anjos maravilhosos, que vagueiam no Paraíso Celestial.

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

Sonho	Fantasia
Sorte	Oportunidade
Paixão	Quimera
Pensamento	Memória
Sorriso	Festa
Olhos	Ilusões
Pés	Suavidade
Caminho	Amplitude
Perfume	Saudade
Vida	Primavera
Fragrância	Lembranças
Longevidade	Ponto Final

DOIS MOMENTOS

Não encontro meu pequeno pente rosa, que me acompanha, há três anos. Ainda, ontem, estive com ele, em minhas mãos. Porém o guardei não sei onde, e procuro que procuro.

Por que tanta ansiedade? Afinal, não passa de um pente comum de osso ou plástico, sei lá!

Afirmo que não é jóia de cabo de madrepérola, ou pintado artesanalmente, ou todo em ouro, com aplicação de filigrana portuguesa. Nada disso: é um pente comprado por R\$ 1,99, sem valor monetário.

Sem valor? Oh! Isto não! Seu preço estimativo é incalculável. De uma lembrança inesquecível, pois foi um presente de “alguém”, num movimento de carinho, carimbando-o com um final: “Agora, ele é todo seu!”

ERA UMA VEZ

Inúmeras são as tardes de chuvas memoráveis, em minha longa existência. Uma, em particular, deixou marca no vasto campo, em resgates amargos.

Lembro-me: papai trouxe-me do Rio de Janeiro, como prêmio pelas brilhantes notas escolares e entrada na Escola Mista Sete de Setembro, um conjunto apropriado para chuva.

Como era completo! Capa, chapéu, guarda-chuva e galocha emborrachada, na cor de minha preferência, vermelho. Uma graça! Era de trazer sorrisos, exclamações de alegria a qualquer criança, nesse caso, “EU”! Entusiasmada, não via a hora de chover para estrear, com orgulho, toda aquela belezura! Assim aconteceu e como!

Certa tarde, lá fui eu em direção à escola. Gotas d'água, como pedrinhas, tamborilavam no tecido de meu guarda-chuva e caíam em cortinas molhadas. Porém meu traje me conservava enxuta, era impermeável.

Ao chegar à escola, não entrei logo. Aguardei os colegas, que me devoraram com os olhos.

– Como você está linda!

Sentia-me a própria “Miss Brasil 2000”!

Mas – sempre o mas –, um garoto malcriado gritou: – Parece uma miss, “Miss Java”!

Rindo, afastou-se. Fiquei triste, porém não me perturbei. Entrei no vestibulo, retirei todo o aparato, guardei-o em uma prateleira, onde os alunos punham os agasalhos e demais parafernálias não necessárias às lições, e encaminhei-me para a classe.

Quando a aula terminou, fui correndo para o galpão, um vestibulo, para recolocar meus acessórios. Qual não foi minha surpresa: alguém, com uma tesoura, teve o trabalho de cortar em pedacinhos todo o meu traje encantador! Assustada, gritei e chorei alto. Saí, correndo para a rua, em direção a minha casa, sem atender aos chamados e apelos da professora e dos colegas. Cheguei encharcada. Valeu-me uma semana de gripe e um certo amargo mal-estar, que perdura até hoje.

Era uma vez, numa certa tarde fria e úmida, aconteceu minha primeira chuva.

ROSTO DE PORCELANA

Maio, segunda-feira, manhã fria, céu azul, quase marinho, sem nuvens, típico dia de inverno, comum nessa estação do ano.

Os telhados cobertos por uma tênue camada de gelo, que derretia, lentamente, sob o calor morno de um sol radioso e límpido.

Os termômetros marcavam temperatura de alguns graus negativos. Porém nada a estranhar. Na minha cidade natal, Poços de Caldas, montanhosa, rodeada de vegetação exuberante e, naquela época, com florestas intocadas, altitude de 1.800 metros, tudo isso tornava esse rincão, uma das regiões geladas do país.

Nós, os menores – família de oito filhos –, permanecíamos em nossos quartos, até quase a hora do almoço, meio-dia, evitando, assim, o resfriado forte e, talvez, outras conseqüências.

Foi, então, num desses despertares matinais, que ouvi vozes, não, as que estava acostumada, mas diferentes. Meu quarto tinha comunicação com o de meus pais, por uma porta, que, naquele momento, encontrava-se fechada.

Apesar do claro da manhã, que insistia em iluminar meu espaço, senti pavor. Quem seriam esses estranhos, que falavam não sei o quê, com uma tonalidade tão baixa,

quase aos cochichos, que não me deixavam entender o que diziam?

Cobri minha cabeça e pus o dedo polegar, tapando minhas orelhas. Não queria ouvir, sentia medo. Dali a pouco, gritaria de mamãe, por ora, chorava baixinho.

Fiquei imóvel, fingindo dormir, até que as vozes e o movimento, no quarto, cessaram. Então, levantei-me pé ante pé, cheguei junto à porta, entreabri-a e arrisquei uma olhadinha.

Surpresa! O quarto estava cheio de bonecas de todos os tamanhos e feitios. Lindas demais, certamente, vieram me visitar. Que bom! Examinei-as, delicieei-me, contemplando-as inúmeras vezes, sonhei vê-las assim reunidas.

Na verdade, estavam dentro de uma caixa, bem amarradas, para não caírem. Creio que estavam à espera de que as libertasse. Entre todas, a que mais enchesse meu querer e encantasse meu coração, seria minha predileta e companheira de folguedos.

Escolhi: uma boneca loira, de cabelos encrespados, boca vermelha entreaberta, deixando ver seus dentes brancos, em sorriso alegre, face corada, tez clara, com olhos azuis, que se moviam, usava um chapéu de palha com fitas coloridas, vestido de organdi rosa, com renda e bordados.

Seus braços, cheios de pulseiras e os dedos, embora fixos, estavam abertos a pedir carinho. Seus pés não estavam à vista, pois calçava sapatos de salto alto e compridas meias brancas de seda. Era bela, totalmente deslumbrante, tal qual uma fada. De imediato, batizei-a de “FADINHA”.

Ouvi passos, vozes. Alguém se aproximava. Precisava afastar-me. Não tinha permissão para permanecer naquele “Paraíso de Bonecas”.

Catei Fadinha. Escondi-a debaixo da cama de meus pais, bem lá no fundo, junto à parede, e corri para o meu quarto, tendo o cuidado de fechar a porta. Deitei-me, cobri-me e fingi que dormia.

As pessoas vieram, falaram baixinho, movimentaram-se e saíram.

Levantei-me e fui ver o que acontecera. Todas as bonecas tinham ido embora. Que pena!

Todas? Não. A Fadinha estava onde eu a pusera. Delicadamente, liberei-a da caixa e, com amor, beijei-a. Nisso, papai e mamãe entraram no quarto. Viram-me abraçada à boneca. Olhei-os, receosa, mas ouvi o que mais desejava:

– Filhinha, você gostou desta boneca? É sua!

Nota da autora: Papai era provedor da popular festa de São Benedito, em Poços de Caldas. As bonecas estavam em consignação, seriam leiloadas e o lucro, doado às entidades beneficentes locais.

A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO

Que coisa! Aquele guarda-chuva não abria, e a chuva engrossava. Também, fui cair na prosa de um vendedor de rua, que afirmou ser um finíssimo artigo automático, feito na China e em preço de ocasião.

Não acreditei muito, mas devido à urgência do momento, sem escolher, peguei “UM”, ao léu, – segredo, paguei “SÓ” R\$ 2,00 – e saí correndo para pegar meu ônibus, que se aproximava.

E depois, mané? Desci no meu ponto, o guarda-chuva não funcionava, emperrou. Sentia-me toda molhada. Afinal, “vapt-vupt”, abriu...

Que incauta! O tecido todo furado. Varais quebrados. Uma vergonha! Atirei-o longe, a roupa gotejava.

É melhor sorrir, dançar e, como Gene Kelly, “Cantar na Chuva”.

A FASCINANTE ARTE DE PESCAR

Houve uma época em que papai possuía um sítio, quase às margens do rio do Carmo, bom de peixe. Após a pesca ser liberada, havia, em nossa casa, quase todos os dias, reunião dos amigos pescadores. Preparavam-se para a pescaria anual: traçavam planos, calculavam os preços dos acessórios, armazenavam mantimentos.

Naturalmente, o mais importante, inesquecível: vara forte, flexível, linha de nylon, anzóis, redes, cesto de vime, iscas (faziam criação de minhocas o ano inteiro). Também, imprescindível: linha cortada em pedaços razoáveis, fósforos, lamparinas de querosene, pois pretendiam pernoitar ao relento, e repelente de moscas.

A indumentária pessoal, um luxo: botas, chapéu, impermeáveis. Uma pequena farmácia, com todos os atendimentos de urgência: desde uma simples dor de barriga a imprevistos maiores, como: fratura, ou picada de inseto, ou cobra.

Era uma festa. Os preparativos duravam, no mínimo, uma semana. Nessa confraternização, não poderia faltar a fala mentirosa do pescador. Ganhava certa quantia quem contasse a história, ou, por outra, o caso mais incrível e verdadeiro, acontecido pessoalmente, numa pescaria...

Então, um deles, o que foi premiado, relatou:

– Certa tarde de sol colorido, saí para o mar, no meu barco, todo ajambrado para pescaria. Percebi certo movimento n'água: era um peixe grande. É pra já! Atirei o anzol, senti fisgá-lo, mas onde estava a força para arrancá-lo do mar? Eu puxava para mim e ele me puxava para ele, e venceu: caí na água e o peixão me devorou. Desci pela goela dele. Desmaiei. Faltava ar. Não sei o que houve, talvez, meus trajes, ou, sei lá, sempre fui indigesto! O fato é que enquanto lutava para voltar à sua bocarra fétida, senti ser impulsionado para fora. Fui arremessado, todo babado, em uma praia paradisíaca. Para recepcionar-me, havia lindas sereias canoras.

Hum! Que mentira deslavada!

ROLANDO AO LÉU

Atendendo ao convite de meu amigo, para passar o fim de semana, em sua casa de praia, preparei-me.

Peguei a estrada, cedo, no meu Volks, com molejos comprometidos. Como um velho, com as juntas enferrujadas, fomos sacolejando rumo ao litoral.

Deliciava-me, por antecipação, com os gostosos dias à beira-mar, queimando-me ao sol, divertindo-me com a alegria das pessoas, com o jogar de palavras ao vento e, principalmente, com o saborear dos manjares dos deuses, que o anfitrião mandaria preparar: frutas da ocasião, peixes variados, tortas salgadas, doces, sucos, vinhos diversos, sobremesas requintadas! Hum! Água na boca!

Necessitava de um relaxamento, sair da agitada vida de trabalho e desfrutar algum lazer.

Imaginava como seria essa casa de veraneio, numa praia particular, rodeada de matas fechadas. Um casarão térreo, coberto de sapé, com um vasto terraço cheio de redes e espreguiçadeiras. Dentro, estilo praiano, decoração com aparatos de pesca e peixes raros petrificados. Uma casa confortável, sem pretensão: para banhistas, pescadores, apreciadores da vida marítima.

Cheguei, surpreendi-me! Diante de meus olhos, uma mansão estilo virginense, ladeada por

palmeiras imperiais. O piso, em lajotas de mármore branca, entremeadas com tufo de folhagem. Um paraíso tropical!

A praia ficava, mais ou menos, a uma distância de trezentos metros, separada por uma mureta de pedras, naturalmente, para impedir o avanço do mar nos dias de ressaca.

Os carros, já em grande número, estacionaram ao longo da vereda, marcada pelas plantas. Acompanhei a maioria.

A pé, caminhei rumo à porta principal. Na entrada, um enorme painel com figuras esquisitas e instrumentos musicais exóticos. Acima, em letras garrafais, o cabeçalho: “Bem-vindos”.

A porta estava aberta, convidando-me a entrar. Foi o que fiz!

Em uma saleta lateral ao hall central, depus minha mala, juntamente, com as outras. Voltei-me, então, para um grande salão, ricamente decorado com uma enorme quantidade de flores silvestres.

Procurei localizar, entre as pessoas presentes, meu amigo. Não o vi. Talvez, houvesse conhecidos: companheiros de trabalho, reuniões sociais, cursos, ou do corre-corre diário. Não os achei. Nem um só rosto, que pudesse ter visto anteriormente, em qualquer lugar. Que coisa! Só desconhecidos!

Senti-me a própria “jacu na festa do nhambu”.



O pior: logo a fome chegou e, com ela, a sede e a vontade de me aliviar.

Onde estaria a rica mesa cheia de iguarias? Garçons com aquelas bebidas saborosas, geladinhas?

Uma senhora perguntou-me se sabia onde ficava a toalete, outra, a cozinha. E alguém, ainda, se conhecia o paradeiro do anfitrião. Infelizmente, não encontrei respostas para toda essa parafernália.

Notei que os presentes não se conheciam. Estranhos entre estranhos!

As horas passavam. Nenhuma explicação. Nosso amigo não chegava.

Onde estariam os serviçais? Os comes e bebes? Situação ridícula! Algumas pessoas já começavam a retirar-se. Até que chegou minha vez. Afinal, eu e minha perereca tínhamos uma estrada de volta a enfrentar. Rodovia escura, poeirenta, perigosa para uma mulher só, faminta, sedenta, suada!

Cheguei à conclusão: essa brincadeira esdrúxula era esquizofrenia de um novo rico excêntrico. Então, uma luz! Relembrando o painel, decifrei a charada! Figuras fantasiadas, atrás de máscaras, com olhos vedados, tocavam diferentes instrumentos musicais exóticos. Acima, a saudação de boas-vindas. Sim, agora entendo: “Bem-vindos, fantoches cegos, os convidados, ignoram quais os sons emitidos não se conhecem. Cada um na sua, virem-se.”

PUXA-PUXA

Essas balas carameladas de Jacaré! Ninguém pode calcular como as aprecio!

Parecem mel, enroladas, brilhantes, apetitosas. E, na boca, que delícia, um néctar dos deuses!

Sempre que um amigo vai a essa cidade, encomendo uma porção delas para saciar minha vontade.

No momento, tendo em minhas mãos uma balinha dessas, tento desembrulhá-las, mas o papel, que a envolve, resiste à minha tática. Está aderido ao material açucarado.

Procuro retirar o invólucro, com habilidade manual, nada. Levo-a aos dentes. Saem pedacinhos do papel, mas, do doce saboroso, nada. Vou buscar uma tesoura, corto as partes laterais, nada...

Que abuso!!! Minha boca inteira salivada. Sabe de uma coisa? A bala não quer ser desembrulhada: puxo aqui, ali, e nada.

Faço de conta. Se a bala não quer desembrulhar, assim mesmo levo-a à boca e degusto. Papel de bala é bala. Que gostosa! E a bala se desembrulhou, sozinha!!!

VISOR PRÓPRIO

Cheguei ao terraço do meu edifício. Comecei a observar o que se passava lá embaixo. Notei, talvez, pela primeira vez, no telhado de um “POP”, bem na frente, e esquina de minha rua, que a cobertura, em telhas avermelhadas, sustentava uma caixa d'água dupla, enorme, de uns 5.000 litros cada. Fiquei conjeturando: “Como seria a base de apoio das mesmas? De cimento, ferro, madeira, tijolo? Deveria ser um material forte, caso contrário o depósito viria abaixo”.

Trafegando, pela frente do bar, um garoto pedalava sua bicicleta pela calçada. Seu traje, semelhante ao dos meninos de agora. Calças curtas, bermudas listradas, camisetas com estampa, boné virado para trás, tênis sem meias.

Circulando pela calçada, um tomador de conta de cais segurava as guias de três labradores.

Apressadamente, em direção oposta, uma mulher, com um vestido estampado em flores de cores variadas, carregava, em cada uma das mãos, sacolas do Pão de Açúcar.

Seguindo-a e, logo atrás, caminhando apressado, um carregador, com uma grande caixa de papelão, equilibrando-a na cabeça. Talvez, fosse o carregamento de um aparelho elétrico, ou louças, mas, certamente, exigia cuidados e cautela.

Era um trabalhador braçal forte, preocupado com a carga, que transportava. Arrastava os pés, para sentir o chão em que pisava. Calçava um chinelo encardido, gasto, velho. Para onde se dirigia?

Parou diante de um prédio. Quase aos gritos, identificou-se ao porteiro. Possivelmente, deu-lhe o nome do destinatário a quem era endereçado. Entregou-lhe a nota do recibo e teve permissão para entrar, dirigindo-se ao elevador de serviço.

O carregador seguiu as instruções do porteiro, que lhe mostrou o elevador e como dirigir-se ao 11º andar, onde a encomenda seria entregue.

Pousando a caixa de papelão, diante da porta do apartamento indicado, o peso estava insustentável, apertou a campainha com insistência.

Alguém, lá de dentro, abriu a porta, impetuosamente. Na pressa, esqueceu-se de prender o cão, que foi em cima do entregador, com dentes à mostra, rosnando, avançando para morder.

O funcionário assustado, na ânsia de livrar-se do massacre, afastou-se de costas e caiu em cima da caixa, afundando-se dentro dela.

OuvIU-se o tilintar de vidros partidos e triturados.

Colocar os óculos é querer ver a vida até o fundo.
Como saber da chuva, se nunca se molha?
Como sentir o sol, se nunca se aquece?
Como saber da terra, se nunca se suja?
Como saber das gentes, se não as estima?
Como conhecer o mundo, se não aprende a amá-lo?

Somos movidos pela emoção.
Temos um caminho a zelar, ser feliz é a meta.

Colocar os óculos é ter com quem dividir os sonhos desejados.
É ver a beleza de uma flor, que nasce e um futuro a mudar.
É estar desperto para encontrar um lugar, no tempo presente, antes de ser passado.

Colocar os óculos é participar do início de uma partida e acompanhá-la.
É sentir os passos, como uma preparação para o futuro.

O tempo passa. A cantiga se cala.

O menino cresce. A vida se modifica.

Colocar os óculos de lentes cor-de-rosa é ver poeira do vento, que vagueia.
É ver a liberdade de perto.

PANORAMA

Desperto minha bíblia poética.

Torço as cancelas das venezianas, anjos no alçar de vôo, separando os amantes adormecidos.

Nasce a claridade, paulatinamente, sem passado nem futuro.

Olho para fora, sinto a harmonia do universo. No bafo matinal, momentos de incerteza.

Viajo. Liberto-me dos grilhões do pensamento.

Fumaças de algodão cobrem as lendas das montanhas.

Carapuças brancas põem barretes nas testas dos montes.

No teto arqueado, tênue véu desafia o poder do verão-sol.

Miríades de lamparinas vão se apagando diante do brilho do astro-rei.

A lua, assustada, corre a esconder-se atrás das nuvens.

Receia ser queimada pela escaldante paixão da bola de fogo.

Surge a manhã, donzela produzida para a festa da natureza-mãe.

A escuridão rareia, aos poucos, e vem, o alegre dia, em carro de luz, eternamente jovem, trazendo consigo o Renascer da Vida.

Volto a mim.

Desço a cortina do cenário e tranco meus devaneios, no cofre da imaginação.

O SORRISO DA MADONA

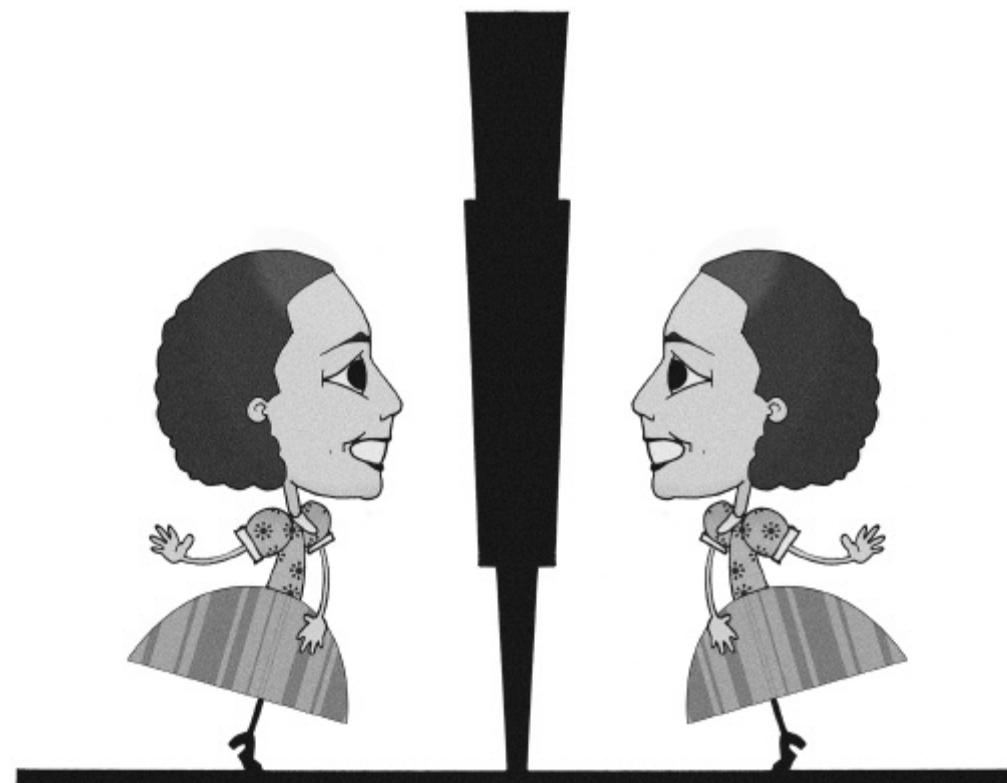
Olhando para o espelho, entro num cismar profundo. Dentes, dentição, dentadura: infância, maturidade, velhice. Janelas abrindo ao alvorecer: primeiros sinais da infância. Dentinhos que nascem, rompendo obstáculos carnis. Sobrevida, primeira luta, primeira vitória. Entrada pelo viver afora...

A tarde foi chegando, chegando...

Mudança de dentes – do leite ao esmalte –, juventude, força da esperança; surdez, ante os estrondos dos fracassos; deslumbramento, diante do amor. Sentimentos a bailar na dança da vida.

Vem a noite, levando a alegria franca. Desenganos. Quanta falsidade, até no sorriso da velhice! Não mais o mar azul da infância! Não mais a doce lua da juventude!

No crepúsculo da existência, só desencanto e a triste poesia dos fantoches inertes. Finda a vida...



BOM, COMO SORVETE

Hoje é dia de circo. O cortejo circense passa anunciando o espetáculo.

Nossa alegria, minha e de meus irmãos, é intensa. A criançada em coro, às gritarias, demonstra suas preferências: palhaço, trapézio, equilibrista, animais. Acima de tudo, as guloseimas: sorvetes, pirulitos, balas, chocolates, arroz e algodão doces e todas as outras novidades gostosas.

E o mais importante, o circo está armado bem pertinho de casa, na Rua do Comércio.

Mamãe prepara, desde cedo, nossa merenda para levarmos ao circo. Faz parte do divertimento. Coloca nosso lanchinho em cima da bandeja. O ritual - arrumar os filhos para irem à exibição mais parece uma oração, tais as recomendações dadas. – Comportem-se, meninos, assistir ao desempenho dos artistas é apreciar a execução de um preparo metódico e disciplinado. Não é só divertimento, mas, acima de tudo, dar-lhes o devido valor ao esforço, dedicação exaustiva e sobre-humana. Desde muito criança, são treinados para uma modalidade de exercício, tornando-se flexíveis e aptos. Ao despertarem, causam pasmo, admiração e são merecedores de aplausos.

A atenção silenciosa dos ouvintes é interrompida por uma vizinha:
– Mamãe, posso trabalhar no circo?

MEU PRIMEIRO PERFUME

Sentada em uma almofada, no quarto de minha irmã, observava, atentamente, seu trajar para um baile de quinze anos.

Meu olhar de criança – de cinco anos apenas –, vivia um instante de encantamento.

Seu longo vestido cor-de-rosa de tafetá de seda brilhante, sapatos altos recobertos do mesmo tecido, laçarotes prendendo as grossas tranças, pulseiras e colar dourados. Como estava linda!

Sonhava que deveria ser assim a fada da história, contada por mamãe para me adormecer.

Ah! Quando crescer, quero um vestido igualzinho! Via-me maravilhosa! Resplandecente! Um pompom!

Minha irmã, depois de pronta, penteada, abotoada e alisada, pondo-se à frente do espelho, girava de lá pra cá, de cá pra lá, a fim de verificar se tudo estava “nos conformes”.

Então, abriu seu armário e retirou, de dentro, um vidro colorido de formato arredondado, fechado com uma tampa trabalhada e transparente.

Pegou o frasco e molhou, delicadamente, as pontas dos dedos, levando aquele líquido para trás da orelha. Milagre! Ficou cheirando a rosa! Delicioso!

Empinei meu nariz e inalei aquele aroma divino. Notei que, cuidadosamente, guardou aquele perfume mágico num cantinho escondido de seu armário. Permaneci, sozinha, em seu quarto. Era agora! Olhei bem a porta. Ninguém. “Não pude usar seu vestido maravilhoso, mas, pelo menos, posso ficar cheirosa!”

Fui direto ao esconderijo. Peguei o vidro, apressadamente, alguém poderia aparecer, desatarraxeï-o e entornei aquela água-de-cheiro, não só no meu cabelo, como em toda minha roupa.

Hum! Que cheirinho bom! Mas que desastre: ao guardar o frasco, o sem-graça escorregou da minha mão. Pimba! Foi-se para o chão, espatifando-se em mil pedaços.

Quando vi a arte feita, corri e escondi-me. Porém, como um ratinho que julga estar seguro na toca deixando o rabo à vista, assim também fiz. O cheiro do perfume impregnava por onde passava. Que falta de sorte!

Tomei o maior banho de minha vida, ensaboada e repreendida. Contudo o perfume persistiu por muito tempo.

ESTRELA CADENTE

Deixo-me ficar numa longa caminhada interior. Sou boneca, em fiapos, e tento fugir de casa, escalando a alta muralha.

A grande parede tem alma, renasce, dialoga, lembra...

No silêncio de mim, o trânsito louco da saudade, o vaivém dos sonhos, angústias, desejos.

Horas mortas, frias, instáveis, como o fluir do tempo.

Por uma fresta, descubro, muito além, o clarão: Sem portas, nem janelas, o limiar.

Num carro veloz, sigo o caminho das flores, a fogueira das cores e fujo dos abismos.

Afinal, avisto uma estrela cadente,

A boneca em fiapos da abóbada celeste.

VIBRAÇÕES

Noite de insônia. Com os olhos abertos, Ana dá asas à imaginação: sem fronteiras, sem conflitos. Uma oscilação impertinente sacode a janela. É o vento, quer derrubar o refúgio do seu ninho. Prenúncio de tempestade.

Resolve levantar-se. Caminha, abre a cortina, e um sopro forte, sem esperar ser convidado, penetra na intimidade de seu quarto. À vontade, rodopia, assobia e deixa um rastro atrás de si.

Audacioso, sibila, nos ouvidos de Ana, sons inaceitáveis. Levanta seus cabelos, arrepiando-os e até penetra em seus pensamentos. Joga, destrói objetos de estimação, danificando o que está ao seu alcance.

Fora, a borrasca começa: relâmpagos, trovões, aguaceira pesada.

Ana, com esforço, consegue fechar a veneziana e a vidraça. Expulsa o intruso, que, assustado, foge.

Como num delírio, o ambiente se transforma: tremenda desordem, confusão, quebradeira. Apenas um mau sonho? Não!

Sim, um pesadelo, sem sorriso!

NA CONTRAMÃO

Seu encontro foi casual. Apenas se cruzaram na calçada. Mas foi o suficiente. Parou, olhou para trás. Sentiu sua temperatura subir e o coração disparar. Ficou im-pres-si-o-na-dís-si-mo com sua elegância e charme!

De volta à casa, o tempo todo só pensava nela. Suas íntimas fibras foram tocadas. Tremia na base.

Já, em seu quarto, sua figurinha ocupava todo o espaço. Como era linda! Morena, olhos de jabuticaba, tez clara, lábios rosados e o corpo ‘ – hum! –, um corpo escultural, cheio de trejeitos, uma pintura!

Sentia-se afogado em suas curvas. Porém, o que mais o encantou, foram, certamente, os seus cabelos: negros, lisos, brilhantes, compridos, pela cintura. Para realçar, mantinha-os presos com um lenço vermelho.

Diante de tal sufoco, ficou, também, vermelho de paixão, com adrenalina a mil! Voltou à rua, procurando, com os olhos, aquela que tanto o fascinara.

“Era uma ovelha sedenta, buscando água límpida de um riacho”. Mas, mas... como Conceição, a da modinha, sumiu e ninguém viu!!!

TARDE OUTONAL

Abro a janela para participar do sorriso da natureza. Havia chovido toda a manhã. Agora, uma tarde de sol brilhante, num céu azul, sem nuvens.

A ciranda do viver era evidente. A passarada espalhava pelo ar suas nostálgicas melodias. Libélulas, aos pares, em vôos sincronizados, procuravam pouso. Borboletas de asas frágeis eram carregadas pelo vento. Cigarras vadias ciciavam ao léu.

Até as lagartas, que se arrastavam pelo chão, ao pressentirem o mais leve ruído, escondiam-se no casulo. Uma suave brisa farfalhava nas folhas dos arbustos molhados.

Ah! Queria, também, sentir o afago daquela festividade. Saí do silêncio de meu quarto, corri, livremente, em direção a minha fantasia.

Que garota, hein! Nem se importava com seus sapatos furados! Até que os mergulhou numa poça. Sem querer, é claro!

Nesse vaivém dos sonhos, notei que, também, fazia parte dessa orquestração desafinada. O choc-choc marcava o passo de dança de meus sapatos encharcados.

Como as aves, as cigarras, os grilos e os pingos d'água, eu era sonora! Choc-choc-choc, compasso de axé!

Busquei, então, no imaginar: um quintal sem dono, lá no fundo de mim. E toda essa parafernália em função...

A BELDADE E A MORTE

Dentro do emaranhado da rede, uma linda dama foi assediada por um galante cavalheiro, com um imenso desejo de conquistá-la.

Trazia, em uma de suas mãos esqueléticas, um ramo de rosas. Ofereceu-o à dama, na certeza de não ser recusado.

A linda jovem olhou-o e sentiu-se atraída pelo personagem tão gentil. Não reparou na figura. Nem notou que seus braços descarnados mais pareciam plumas de uma asa inexistente. Apenas, observou seu gesto tão amável em dar-lhe aquelas lindas flores.

Qual seria a intenção daquele estranho ser? Talvez, dizer, com palavras não pronunciadas, aquela frase tocante: “Eu te quero para mim”.

Repetia-se a história da “Bela e a Fera”, nesse caso, não era “Fera”, mas, “Feio”.

A donzela sentiu-se embevecida. Um perfume mortal envolveu-a. Ingenuamente, deixou-se dominar. Acompanhou-o para a Eternidade.

Culpa das rosas.

PRODUZINDO-ME

No espelho: cabelos finos e lisos, testa alta, olhos tristes.

Procuro melhorar a figura. Passo as cerdas da escova nos cabelos, num agradável movimento de carícia: um som de farfalhar de brisa nas roseiras. Desembarço-os, para cima, dama antiga, para baixo, bruxinha assustada, para frente, ventania, para trás, recordações do tempo do Charleston.

Mas, que coisa! Não seria bom pentear-me, naturalmente, como sou, sem assustar nem surpreender as pessoas?

Enrolar, alisar, desfazer e repentear...

O melhor mesmo, limpar a escova e recolocá-la na penteadeira.



FANTASIA

– Poemas –

NATUREZA DISTANTE

Sentia-me dentro de um
rio caudaloso
arrastada pela correnteza.

Tentava salvar-me nadando...
Enfraquecia, perdia os sentidos.

Então, visão celestial!
Um sol brilhante, avivando
as margens, salpicava de gotas
douradas o verde das relvas.

Não mais lutava com as águas,
parecia ser levada ao sabor
de seus movimentos.

Alegres peixes brincalhões
empurravam-me, tora de madeira.
De repente, vi-me deitada num
macio tapete esverdeado.

Rodeavam-me lindas ninfas canoras,
embalavam meu sonho-sonhado.

Apenas adormecera.
Nada de rio, sol, relva ou ninfas...

DESTRUIÇÃO

Passei por caminhos
onde brincávamos juntos.

Na mata: inferno,
brasas, cinzas!

Solo enegrecido, queimado.
Animais, plantas em agonia!

Nuvens escuras
desafiavam o poder do sol.

Rolos esfumaçados
substituíam a natureza fumegante.

Paisagem, envolta em brumas, acinzentada...
Pestilência! Em tudo, cheiro de morte.

Saudade indefinida
do ausente... Do reviver.

Queira, queria, queria,
Não se fez... Não se faz.

Que tristeza, que tristeza...

ALENTO

Ó mar,
ó mar de meu Deus,
abre teus braços,
guarda os dias meus...

Dançarino fluido,
malhas de perigo.

Renda de espuma,
bravura de ninguém.

Corpo rebolado,
touro zangado.

Montanha transparente,
rugidos sonantes.

Batalha de contraste,
cavalo bravio,
anêmonas medrosas,
peixes mensageiros.

Canoas fantasmagóricas,
nódoa líquida,
face espantosa...

Berço de sonhos dormidos!
Meu barco navega parado.
Vejo mundos: cega...

Mar de fantasias.

O ÁPICE DO BEM

Procurei pepitas,
que brilhassem,
na cúpula
da liberdade.

Um porvir de esperança,
beleza sem par.
Busquei o pomo da bondade...

Não há passado,
o que abarco
é presente.

Tão bem responde,
na expressão do poema.

DISTÂNCIA

Acolá, alguém, que amei,
almejei, aguardei.

Adormecido em mim,
como anjo,
acima de minha alma.

Acordá-lo?
Arremessá-lo
dentro das arestas,
que voejam ao
meu ardor?

Além, muito além,
de amá-lo,
arraso-me,
ao afastar-me...

Aquietada,
aguardo
o amanhã
sem adeus.

SUFOCO

No silêncio,
insone,
saudades
consomem.

Um sussurro,
passado
insólito,
pesa.
Passos
não passam...

Soluços,
suspiros,
sonhos,
sempre seguem...
Sombras
de solidão!

Sou, sim,
a sofredora
amorosa.

EMOÇÕES

Vida, um sonho
corroído por memórias,
espaço perdido!

Mãos em prece,
mente à espera,
mensagens descansam,
infinitas lembranças.

O espírito flutua,
ausência das carícias,
espelho sem reflexo,
rostos mascarados.

Afloram desejos,
esboços amorosos,
alma liberta,
anseios angustiantes.

Horas não passam,
páginas em branco,
saudade chega,
silêncio em mim...



155

POEMA VERMELHO: ESTRELA DE FOGO

Terra seca,
brisas quentes.
Bola de fogo
avermelha
o verde da montanha.

Buganvílias, várias,
salpicam a floresta:
velas coloridas
no altar do Astro-Rei.

Caminho de flores,
fogueira de cores,
descendo a serra,
em fagulhas de luz.

No morrer do dia,
faróis se apagam,
trêmulas promessas
de um novo alvorecer...

POEMA AZUL: A ESCALA

Nuvens desmancham-se ao vento!
Abóbada envolta de paz.
Perfume no espaço,
na natureza, alegria reinante.

Hora azul.
O Céu se encontra com a Terra,
pairam, no ar, acordes do bem.
Hora-esperança,
hora-redenção,
hora dos construtores da vida.
Hora da prece.
A alma se ajoelha,
na catedral interior...

Ouçõ a voz do futuro.
Não paro, não sei, sinto...

MÃOS

Embalam,
curam,
acariciam,
ferem.

Interligam céus, terras,
almas, sentimentos.
Breve deusa de silêncios,
dores e alegrias expressa.

Compassos, em ritmos,
em danças, aplausos,
em mímicas, são personagens,
linguagem em gestos!

Trazem morte,
à natureza, danificam.
Emaranhadas, em inveja,
em trevas, escondem-se.

Passam da vida às sombras,
lâmpadas apagadas.

FACES DO AMOR

Contraditório amor.
Em seu nome,
mata-se,
morre-se,
afasta-se,
chama-se por alguém.

É lágrima,
é sorriso,
alegra,
chora,
sofre,
goza...

Para o mundo:
amor é paz,
guerra.
Liberta,
escraviza.
Defende,
ataca.

Amor é miragem,
felicidade, em escombros,
desgraça camuflada.
Afaga, magoa,
dá, tira,
oferece, nega.

O amor
tem a doença da pomba,
a grandeza do gavião.

Dos lírios, a pureza,
em meio à podridão.

O amor a tudo perdoa.
Nunca castiga,
bendiz aquele que o fere.

Mas, sempre o “mas”,
da moeda,
o reverso:
Amor
é Ódio!!!

Tece vidas,
dissolve trevas findas.

Passo a passo,
domina espaços.

Fecunda solo semeado,
requintes do amor.

Mora no tempo,
mutismo gera.

Silêncio grita,
divino trejeito.

Magia
do enquanto,
tanto.

A CARTA

Saudades sempre-vivas,
nas mãos, uma carta, adeus!

Esbarro nas horas.
É noite, mar de estrelas!

Lua pálida, facho de luz:
pirilampos brincando, sombras.

Pensamentos vagueiam. Silêncio!
Sonhos, loucos sonhos de um viver.

Escuridão! Sou barro sem forma,
perdida num tempo.

Perfume! Desejos afloram.
Espírito flutua.

Imóvel contemplo
horizonte sem brisa...

Reflexos no espelho,
figuras fugidias.



O SOAR DO SOM

Sons sibilantes,
simpáticos,
singelos,
zunem.

Ao silvar
de um zéfiro.

Ao zunido
do zangão.
Ao zigiguezague
do zagueiro.

Ao zunzum
do zé-povinho.
Ao sonante
do zebuzeiro.

À zorra
dos zíngaros.
À zinha
dos sonhos,
do Sol, o Zênite...

SUSTO

Num refúgio oculto,
Assumo amarguras.

Súplicas nuas,
perfume em nucas.

Figuras assustam-me,
buscam ternuras.

Murmúrios, luzes,
brumas flutuam.

Úmido turno,
impulso único.

Último rumo,
sem futuro.

Sou soluço
turvo, sussurro!

O FOLHETIM

Folhas,
folhinhas,
folhudos.

Brilhantes
ao orvalho,
molhadas.

Folhagens
avermelhadas
ao florir.

Malhadas,
espalham-se
ilhadas.

Qual gralhas,
em grilhão,
envasilhadas.

É o desfolhar,
barulho folhoso
do folheto floral.

BOA DE BOSSA

Bonita,
produzida
para bailar,
no pagode
do padrinho.

Botas de borracha,
blusa estampada,
bolsa bordada,
pulseiras prateadas.

A própria “Bela das Butiques”,
requebrando, apreciada,
rapazes assobiando, aplaudindo.

Apresentação surpreendente.
O baile prometia,
Porém, Oh! Porém...
Um prego pisou, penetrou,
Buscou seu pé,
Acabou o prazer...

Nem banda,
pares,
samba,
baião,
lambada.

Sem panca,
bamba,
bumbo,
bravatas brasileiras.

Produção barrada.

POBRE PALHAÇO EMPOLEIRADO!

O que somos?

Duas datas, não mais.
Corrida do tempo,
entregas demais.

Sonho, telhado cor-de-rosa,
vive quebrado.
Súplica vaidosa,
amor acorrentado.

●
Ideal sem perdão,
roteiro futuro.

Barco das ilusões,
porto não seguro.

Homem: palhaço empoleirado,
sem chances, sem público,
sem aplausos.



169
●

OS PEQUENINOS

Somente as crianças
têm chama do eterno.

Essência divina
a sorrir para a vida.

Anjos emprestados,
borrifando bálsamos
de esperança, ternura,
inocência.

Sonhos, que vagueiam,
em paisagens futuras.

Na Terra, o próprio Céu!

SER FRUTA

Olhei-me no espelho,
imaginei:
estranha figura.

Labirinto de magias,
imagens, miragens,
fantasias.

Amarelo-ouro,
redonda, resistente,
cheirosa,
apetitosa.

Gomos
líqüidos, macios,
atrativos.

Sou laranja e,
como as pessoas,
cumpro sinas
desiguais:
umas, doces e boas,
outras, amargas demais.

PEDRA – ÁLBUM FRIO

Lápide última,
primeiro sonho.

Fantasia,
desenhos de esperança!

Pássaro, espaço
sempre desejado.

Pela correnteza,
desilusões.

Arrastada, embalada,
adormeço no regaço da saudade.

Tudo, lembranças petrificadas,
álbum frio, sem vida.

Alvo fugidio,
alado, jamais alcançado!

O BAÚ

Refúgio úmido,
profundo.

Fagulhas de luz,
brumas.

Difusas plumas,
turvas.

Arrulham figuras,
buscam ternuras.

Chuva crua,
lua nua.

Estúpida rua,
susto noturno.

Nenúfar em turno.

CHEGAR

Acolá,
na página do irreal,
há um halo de graça.

Imagens,
baladas,
lágrimas,
gargalhadas.

Passo a passo,
no galgar do somar,
faço alada viagem
ao luar, ao nada.

Musical serenata
da paz.

●
174

ESTRELA É FEBRE

Estrelas,
lágrimas
desfolhadas.

Além
das nuvens,
tênuas.

Estrelas
desafiantes,
cadentes,
brilhantes,
desmascarando
a força do Sol.

Ouvir estrelas,
ver estrelas,
nos olhos amados!

Turbilhão de idéias,
devaneios,
Para o apaixonado,
estrela é febre.

175

●

O MOMENTO ESCURO

Mágoas, saudades,
fluem.
Sombras viventes,
passado.
Ausências e
vontade de ver,
de estar com alguém.
Rever lugares, objetos,
animais, pessoas,
cenas tristes, cômicas, ternas.
Emoção me envolve,
desabafa, versifica.
O poeta, em mim, chora,
sorri e sonha.

●
176



177
●

IMAGENS

Gramma é beijo,
ilusão,
desejo.
Longe,
perto.
Durmo,
sonho...

Tudo passa,
brisa abraça.

Grande amor!
Luz apaga,
vento sopra.

Você, eu, aqui, acolá.

Sem corpo matéria,
busco um rosto!
Rolo no tapete verde,
gramma é beijo.

LAMENTO

Luz lúgubre
de um luar.

Brilha
pela telha lousada.

Logra localizar
o longínquo limbo.

Líbida
libélula!

Em livre liça,
levada ao léu...

Malha, no
levitar falho.

Lamparina,
sem lampejo.

ESTRELA FUGAZ

Compreender a solidão,
páginas de desejos e desesperos,
porta aberta para lembranças.

Uma abelha com diáfanas asas,
berço pelo tempo esvaziado,
bússola, tantas vezes, renovada.

Tenho olhos cheios de névoas.
Nos ouvidos, as notícias do nunca mais,
ondas sonoras que vêm e vão.

O passado retorna, embriagando-me,
como o vinho amargo das ilusões perdidas.

Sou segunda-feira de uma semana vazia.
Dias passam.
Pássaro sem teto, grito sem som.

Assombros da vida.
Sinto, em meus lábios, um balbuciar
ansioso ao pronunciar num sussurro:

Seu Nome,
meu “Tudo”.

MANHÃ DE SOL

Atrás da janela,
o dia desponta.
Madrugada lá fora,
o pensar vagueia.
É manhã de sol,
as sombras descansam.
Sou o orvalho da noite,
que a luz consome.

Carrego meus sonhos,
loucos sonhos! Saudades.
Invado seu espaço,
toco em você, suave, suave.
Sou horas solitárias
a buscar os braços seus.
Sem corpo, matéria.
Sou desejo fugidio.

Na nudez de minh'alma,
procuro o lume do poeta.

SUA ALMA, SUA PALMA

Naquela esquina,
espera-me o destino.
Momentos, não de vida,
mas todo um coração.

Pela frente, caminhos,
luzes apagadas, vazios indefinidos,
carregados de sonhos,
loucos sonhos!

Oca solidão, penumbra dos tempos,
janelas abertas, lembranças perdidas.
Vibrações passadas, fantasmas de mim.

Silhueta da noite, passos silentes.
Mãos imploram mensagens de esperanças.

Olho-me, no espelho,
envelhecida, imagem apagando.

Sim, sou irreconhecível,
onde o espaço irrecuperável?

Distante encruzilhada,
não existe logradouro!
Perplexa, vagueio suave
pelo devaneio etéreo.



EXPLOÇÃO DO SENTIR

Na poeira do dia-a-dia,
sou areia, raiz, folha.

Nas minhas fantasias,
luz, sol, arco-íris.

Meu viver é nas estrelas,
não tenho os pés no chão.
Num vôo alado,
penso em você,
no amor,
no desejo,
na vontade de estar ao seu lado.

Sonho:
você e eu,
no tapete verde da relva,
sinto sua presença, matéria.

Beijo-o.
Sou lágrima,
orvalho,
ao romper
da madrugada.

PEDRINHO

Pedro pequenino,
petulante, provocador.

Pepina, pajem,
protege o pimpolho.

Prepara palavras
patéticas e maternais.

Complica explicações,
com seus “pá-pá-pás”.

Promete aplicar
palmadas e palmatórias.

Procedimento que pode
piorar no porvir.

Promessas próximas
comprometem o presente.

CRISTA DO PICO

Pieguice,
lira,
pífaro.

Trio,
ínfimo
de ritmo.

Dia
de rima,
trilha.

Sigo
o caminho
da vila.

Aqui, ali,
sou guia
fria.

Atriz, xis, triz,
guria
cria.

Na cantina,
Crista
do Pico.

ENDECHA DAS TRÊS IRMÃS

Órfãs?
Vazias,
sem perspectivas
futuras.
Caçula: com dores
imaginárias.
A do meio: grávida,
maternidade inconseqüente.
Mais velha: tão velha!
Quarenta anos!
Rotina, monotonia:
recolher roupas no varal,
fazer rosquinhas.
Olhar o tempo:
chove,
faz sol,
está frio,
esquentou?
Cotidiano sem risos.
Sempre-vivas, no jardim da existência,
nascer,
crescer,
florir,
morrer.
No rodar da vida:
espectadoras.

O BOBO DA CORTE

Fantasei-me de escamas, enganei o mar,
de estrelas, enganei o céu,
de penas, enganei os pássaros,
de algodão, o travesseiro,
de anarquista, o sorriso,
de poeta, a ilusão.

Sou cofre forte, sem frente.
Nas árvores, dentes de galho,
do olho, a luz.
Sou loucura da alvorada,
no fim da noite.

Enganei a Corte,
não o Bobo...



ÁGUA

Gota prateada,
fonte cristalina,
cascata murmurante,
córrego saltitante.

Arquiteta do globo.
Geradora de vidas.
Ceifeira de existências.

Alavanca,
potência,
resistência.

Constrói,
destrói,
Acalenta,
sobressalta.

Alivia,
sufoca.

Força paradoxal,
vida,
morte.

FOGO

Combustão,
calor,
luz.

Energia incorruptível,
cauteriza,
purifica,
preserva,
modifica,
extermina.

Centelha de vida,
folclore ritualista.
Casa dos condenados:
Lúcifer.

Ciúme,
amor platônico,
sonho dos enamorados,
afeto em brasa.

Ardor... Paixão.

AR

Fole,
energia,
estimula
pensamentos e ações.

Leveza. Toque sutil.
Excita desejos.

Plumas, em regiões etéreas,
inconscientes.

Asas de sonho e fantasia,
encantamento,
invólucro gasoso.

O poeta retorna.
Volta ao círculo terrestre,
torna a ser.
Por enquanto, é...

TERRA

Princípio,
criação,
força.

Alimenta,
constrói,
desenvolve.

Berço de tesouros
recônditos.

Bela,
misteriosa,
deprimente.

Sonho de criaturas,
ambição,
poder,
amor,
ódio.

Espaço vital,
opressão,
miséria,
destruição.

Ter. Ser.
Reverterá às raízes.
O nada do tudo,
do absoluto à insignificância...

LENTES COR-DE-ROSA

A vida, através dos óculos da vovó, vê:
bondade nos atos dos outros,
a ilusão de seu tempo,
a cultura como um bem,
os netos, dádivas celestiais,
a palavra, um ato honroso,
o Céu, próximo à Terra,
filhos amorosos e disciplinados.



TERNAS CANTIGAS

– Trovas –

Com a névoa, como manto,
a fada na madrugada
aumenta a graça e o encanto
daquela **rosa** orvalhada.

Por meu amor **desprezada**,
lancei-me em outra ventura,
mesmo que, também, dê em nada,
esquecê-lo é minha jura.

Em sinal de **gratidão**,
elevei as mãos ao céu,
porque vivo neste chão.
Ao Brasil, tiro o chapéu.

Às vezes, a **sorte** surge,
não perca a oportunidade.
Tempo, sem vez, hora urge,
possuí-la é felicidade.

Sofro **mágoas**, tantas, tantas!
Silêncio sem compaixão.
Tu negas respostas, quantas,
para o aflito coração.

Quisera **lágrima** ser,
para em sua face correr.
Dos lindos olhos nascer
e, em doces lábios, morrer.

É **doce** não sei de quê,
eu sinto, nem conto quando,
disseram-me que é porque,
sem querer, estou te amando.

Primeira **estrela**, que vejo,
dá-me, na vida, um romance.
É tudo que mais desejo:
um amor a meu alcance.

O pequeno grão de **areia**
enfrenta fúria do mar,
no chão, rola, luta e anseia
viver ao sol e ao luar.

Vendo o mundo de um mirante,
notei **ausência** de amor,
como verdade gritante,
tristeza, miséria e dor.

Você, toda **encanto** e graça,
transformou meu coração,
pois sorvi, em sua taça,
doce sabor da paixão.

Se amor dura uma vida,
hei de amar-te até morrer.
Se morrer é **despedida**,
nenhum adeus irás ver.

Ao partir, como legado,
deixo memórias de amor,
viver ido, meu amado,
foi você, saudade e **dor**.

O que fiz de minha **vida**?
Cada minuto saudade.
Tristeza, com volta e ida,
desfeita a felicidade.

Por que insistes nesse amor?
Coração, também, esquece.
Como a pétala da **flor**,
assim, o afeto envelhece.

Tanto **rosto** tem a vida,
expressa dor e alegria.
Felicidade vivida,
dos dois rostos, qual teria?

Foste por mim rejeitado,
tentei esquecer-te em vão.
Pelo remorso abalado,
peço-te: “Volta, **perdão!**”

Diga-me toda verdade:
– **Espelho**, espelho meu,
existe alguém, com idade,
que ame tanto quanto eu?

Neste lembrar e esquecer,
assisto à vida rolar,
à **espera** do acontecer,
vejo o sonho evolir.

No cofre do pensamento,
a memória transparece:
recordações, meu tormento!
Pois quem ama nunca esquece...

Você, semelhante ao **vento**,
soprou sobre minha vida,
despertando pensamento
de carícia, já esquecida.

Do **jardim**, o mais formoso
botão-rosa, botão-flor,
delicado e primoroso,
feito todo para o amor.

Seu **beijo**, adeus, uma rosa,
recordações de um amor!
Daquela união amorosa,
restou só amargo sabor.

À **espera** de tua partida,
ansiosa, quase morri!
Querido, tu és minha vida,
como viverei sem ti?

Ao **luar**, em seu clarão,
a sombra de um anjo vi,
julguei ser uma visão:
era saudade de ti!

Penso em você, com ternura,
desde jovem, tanto amor!
É **capricho**, que perdura,
provocando imensa dor.

São duas estradas, na **vida**,
em que passam meus amores:
flores e delírios, na ida,
na volta, suspiros, dores...

Creio que você não sabe.
Se sabe, finge e não crê.
Trabalho para que acabe
este meu amor por você.

Um **trabalho** me consome,
sem encontrar solução:
como colocar meu nome,
dentro de seu coração?

Tanto amor, na minha vida,
todo **tempo** uma tortura...
Muita ilusão já perdida,
mas a esperança perdura.

Partiste de vez, no entanto
nem mais chorar consegui,
a **angústia** secou meu pranto,
de tanto sofrer por ti...

Que **delícia** o beijo seu!
Porém sei que me fez mal.
Grande vontade me deu:
quero, também, o original!

Louco carrossel de vidas!
Com **tempo** brinca, girando
pelas horas vindas e idas,
ao futuro nos jogando.

Voejam notas musicais,
como **enxurrada** de sons.
Trazem risos, também, ais,
saudades, em vários tons.

Preta velha, tão querida,
na **cantiga** de ninar,
conta um história vivida,
muito além do imaginar.



Plantei **semente** de amor,
bem dentro do coração.
Senti só tristeza e dor,
convivi com a ilusão.

Buscando o **tempo** perdido,
voltei, procurando amor.
Atrás de um sonho esquecido,
achei decepção, dor.

Quando o **remorso** me prende,
sofro por muito te amar.
Lembrança tanta me rende,
eu te vejo, sem te olhar.

Suave **serenata**, no ar,
lembra “alguém” em meu romance.
Tão perto de me encontrar,
tão longe do meu alcance!

Como **outono** nebuloso,
é o homem na maturidade:
sentimento temeroso,
luta por felicidade.

Velhice é **inverno**, em vida,
dias frios, imperfeitos.
Tanta recordação ida
dos vários caminhos feitos.

Nesta vida, muita gente
trabalha de sol a sol.
Agüenta o duro batente
e faz da **noite**, um lençol.

Sua **graça**, bailarina,
deslumbrou meu coração!
Você mudou minha sina,
tornou-se toda emoção.

Frondosa, velha **paineira**,
em tua sombra, abrigaste
seres sem eira nem beira.
Aragem, jamais negaste.

Terno olhar de tal **magia**!
Trouxe-me amor e esperança,
pois, vivendo o dia-a-dia,
caminho com segurança.

Sua paixão foi **mentira**,
deu-me tamanha ilusão!
Tento esquecê-lo, sem ira,
amando-o tal como irmão.

Quem me dera ter a **chave**
e abrir seu coração,
pondo dentro, bem suave
de meu amor, a porção.

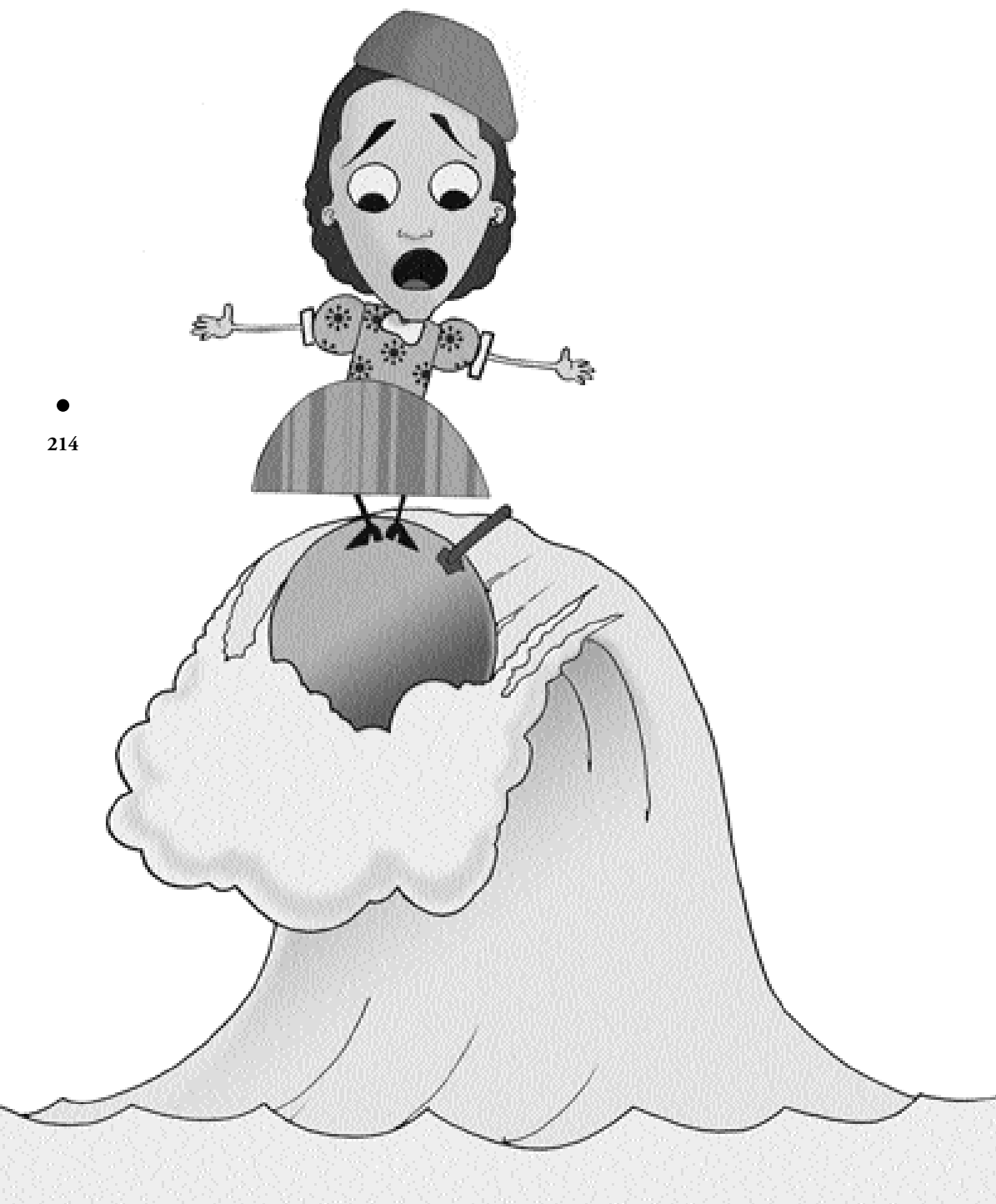
Na entrelinha do **desejo**,
em que um sonho “sim” é “não”,
dádivas dúbias, revejo
e nada se passa em vão.

A **vitória** inconcebível,
nenhum homem pode armar,
pois é, de todo impossível;
parar o vento ou mar.

Quebraram meu **violão**,
música toda espalhada,
tristeza no coração.
Sem o meu cantar, sou nada!

Travessia é como a vida,
nisto, está todo o tormento!
Tais desejos, sonhos, na ida,
mágoas a todo momento.

Firme, como a **rocha** dura,
ao vento forte soprada,
meu amor é que perdura
sempre, você, minha amada!



Ondas, em dança corrente,
trazem, às praias, o mar.
Mas o destino da gente,
quem sabe, aonde vai parar?

Ambas, **laranjas** e pessoas,
cumprem sinas desiguais:
umas são doces e boas,
outras, amargas demais.

Foi meu lenço perfumado,
com fragrância de **melão**,
o seu aroma aspirado
trouxe a volta da ilusão.

Viver num **tempo** sombrio,
temer o quê, depois?
Conflitos, mundo sem brio,
Que será do amor a dois?

Meus desejos, com empenho,
levo **tempo** a realizar.
Porém lindos sonhos tenho,
soam castelos em ar.

O **tempo** sempre girando...
Dia, noite, ou nunca mais.
Ventura, parti buscando,
e cheguei tarde demais.

Ó **mundo**, meu triste mundo!
Deserto, só desamor!
Do poço, cheguei ao fundo,
árvore seca, sem flor.

Saber dos “alguéns”, no **mundo**,
é sentir-se desolada.
Penso: desamor profundo,
justiça sempre calada.

Pela ausência prolongada,
minha tão grande **paixão**,
qual corrente arrebatada,
destroçou meu coração!

Linda **pequerrucha** minha,
que olhei somente uma vez.
Partiu, com asa branquinha,
para o além... Foi-se de vez.

Tal como luz que se apaga,
numa **feira** que termina,
também, por amor se paga,
quanta ilusão, que ruína!

Ao chegar a primavera,
a terra, em cores, se agita.
E há, nas **flores**, quimera
de uma beleza infinita.

A **flor**, que foi meu presente,
terminou no chão jogada.
Você por mim nada sente,
mensagem foi decifrada.

Para terminar, sem falha,
o Pintor, deste Universo,
ao léu, seu pincel espalha,
dando à **flor** matiz diverso.

Caminhando, num arco-íris,
vi o mundo através de cores.
Tal beleza, em minha íris,
tanta paz, amor e **flores**.

Tão saudosa adolescência,
qual **primavera** da vida.
Com afeto, em efervescência,
magia não esquecida.

●
220

Inconstante juventude,
tempestade de **verão**.
De amores, em plenitude,
elevada excitação.

Como **rosa** desfolhada,
nosso amor assim ficou.
Sem esperança e sem nada,
pois tudo o tempo levou.

Vendo o **entardecer** da vida,
com cabelos tão grisalhos,
choro pela ilusão ida
e desprezo os sonhos falhos.

Sinto o **entardecer** da vida,
cabelos a pratear.
E, na juventude ida,
fracassos a prantear.

221

●

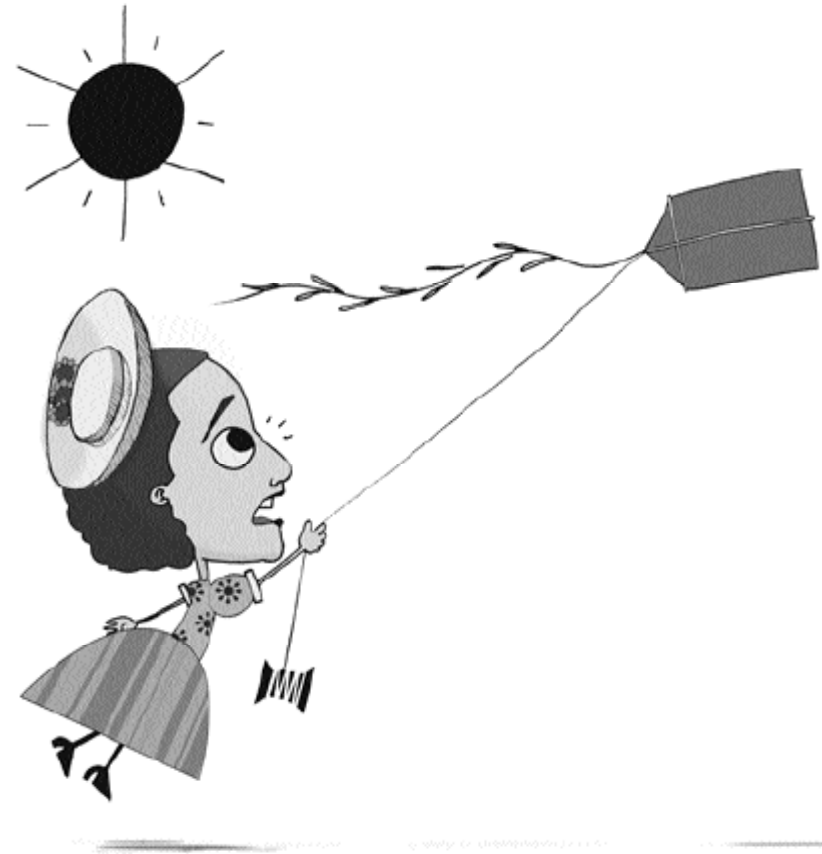
Tudo passa, de verdade.
Na vida, tudo tem fim.
Só não passa a tal saudade,
seu **sorriso** para mim.

Uma **pipa**, que se solta,
lá de cima do telhado,
pula, roda, gira e volta:
dançarina, em seu bailado.

Sorte, mentira gostosa,
ilusão, desilusão.
É, às vezes, mentirosa,
quando a vida me diz não.

Duas faces tem a **sorte**:
ensolarada de dia
e, à noite, neblina forte,
sombras vãs de uma alegria.

Surge a **sorte**, lá um dia,
sozinha, sem hora ou vez.
Depois, a melancolia
vem, aos pares, dois por três.



Vou caminhando sozinho
e pagando os meus pecados.
Ainda é longo o **caminho**,
tropeço em passos cansados.

●
224

Há vários mundos lá fora,
qual sonho, que nunca vi.
Poeta, o versejar flora,
todo seu **mundo** é aqui.

Da **janela**, ao mundo ir,
projeto gestos de vida
e choro, em vez de sorrir,
com a imagem recebida.

Em busca do amor, parti.
Teve fim a minha lida:
ao chegar perto de ti,
encontrei o céu na **vida**.

Meu **carrossel** de emoções,
repleto de inseguranças,
girando só ilusões
de amor, sonhos e esperanças.

225
●

Ninguém deve, nesta vida,
fumo da paixão soprar.
Às vezes, brasa escondida
pode chama despertar.

Vou reservar um **espaço**,
no centro do coração
e prendê-lo, com abraço
para sempre. Que emoção!

●
226

Neste mundo convulsivo,
colocaria um **espaço**
só de amor para o ser vivo,
ao invés de um estilhaço.

O brilho dos **olhos** teus,
sinto dentro de meu ser.
Qual estrela luz de Zeus,
diz coisas só para eu ver!

Preta velha, tão querida,
na **cantiga** de ninar,
doce fantasia e vida,
um embalo faz sonhar.

Plantou semente de amor,
criação de um Novo Reino.
Deu **esperança** ao sofredor,
ao caminheiro, um destino.

227
●

Plantei **semente** de amor,
bem dentro do coração.
Senti só tristeza e dor,
convivi com solidão.

Vi na rua, com **emoção**,
crianças a mendigar.
Sós, famintas, pés no chão,
a quem justiça clamar?

●
228

Como as luzes, que se apagam,
quando o baile chega ao fim,
também, os sonhos se acabam,
bailarina, a vida é assim...

No **jardim** do coração,
semeei falsos amores.
Sufocados, quando em grão,
restaram lamentos, dores.

À **espera** de grande amor,
gastei toda a juventude.
Vivi ilusões e dor,
fadário, com plenitude.

Amei. Amei você tanto!
A **vida** nos separou...
Saudade, sem conta e quanto!
Morrendo de amor estou.

229
●

Seu **sorriso** de criança,
com beleza de uma flor,
fascina com a pujança,
retrata puro esplendor!

Felicidade é fumaça,
névoa, na estrada da vida,
tal qual a **sombra**, que passa,
evolando-se em seguida.

Ó **anjos**, cheios de luz!
Ó anjos, cheios de cor!
Onde tudo só reluz,
levem longe a minha dor.

Um **anjo**, tal qual o vento,
soprou sobre minha vida,
despertando pensamento
de carícia, já esquecida.

Envolto à névoa, surgiu
anjo de raro esplendor.
Mas uma brisa o levou...
Era sonho, sofredor!

Só, minha alma solitária,
triste, chora por perder-te...
És **ausência** imaginária,
erro em querer esquecer-te.

Sempre inesquecível **música**,
algo em mim, que alguém levou.
Sons de melodia única,
que minha mágoa gravou.

Vou reservar um **espaço**,
bem dentro do coração.
Devagar e passo a passo,
quero tê-la com paixão.

Adeus... Um lenço acenando.
E, na emoção singular,
sinto a dor, que vai chegando,
quando fores viajar.

●
232

Sou, no entardecer da vida,
a saudosa namorada.
Desde o adeus, na despedida,
pelo amor, fui **derrotada**.

Rosa, expressas só vida,
desde que brotas do chão.
Sem que mudes tua lida,
eu te quero em meu caixão.

Estranha **música** foi,
nas rodas desengonçadas
do velho carro de boi:
“Cancioneiro das Estradas”.

Plantei **sementes** de amor,
brotaram mágoas sem fim.
Afinal, que triste dor,
ver-te tão longe de mim.

233
●

No trampolim da floresta,
mesclada de sombra e luz,
a **coruja**, de uma fresta,
vê presa, ao ninho, conduz.

Tranquei sonhos num **castelo**,
fui caminhar pela vida.
Da alegria, perdi o elo,
desde instante da partida.

●
234

Quão ardente é meu amor,
ao te beijar, que **paixão**!
Chego a sentir até dor,
queimando meu coração.

Saudade, nome de vida,
que mora dentro de mim.
Quando estás longe, querida,
a minha dor não tem fim.

Escravo de uma paixão,
minha angústia é sem fim.
À procura de ilusão,
a saudade mora em mim.

Ver o distante passado,
podendo um dia voltar.
Um outro **caminho**, amado,
seria sempre te amar.

235
●

Senti que subia ao céu,
em uma **nuvem**. Não crê?
De branco, grinalda e véu,
pois o noivo era você!

Folha de um diário antigo,
sempre-viva desfolhada.
Todo romance contigo:
pétalas secas, mais nada.

Viver, sem melancolia,
choros, lamentos ao léu.
Adeus, é final de um dia,
lírio aberto ao céu.

Colocar **flores** na trova,
esperando as cores ver.
É mistério a toda prova,
que se esconde em seu poder!

Luzes brancas, qual um círio,
formas leves de esplendor.
Cada pétala do **lírio**
traça gestos de um amor.

Ó primavera florida!
Pétala feita de cores!
Que bela explosão de vida!
Alegre festa das **flores**.

Eu seria um **girassol**,
quando em flor me transformasse.
Toda cor, no arrebol,
ao anoitecer, fechasse.

Saudade é noite infinda,
dá vontade de chorar.
Céu de estrelas, vejo ainda,
refletindo seu olhar.

Escuras noites sombrias,
nem estrelas, **céu** fechado!
Não a vendo, há vários dias,
sou um triste enamorado.

Eu sonhei que ao **céu** subia,
pois era o seu bem-querer.
Apenas, eu não sabia,
só, no sonho, pode ser!

O luar, no **céu**, flutua,
quem já o viu brilhar ao léu?
Deus fez as noites de lua.
Pôs, nos olhos seus, o céu.

Nostalgia, a tal saudade,
leve fumo, que se esvai.
A perder, na imensidade,
desfaz, em neve, que cai.

Sinto, em mim, a **nostalgia**,
barco à vela, rumo ao mar.
Vento e ondas, em magia,
esperando retornar.

Nostalgia, uma aurora,
aonde os suspiros vão.
Quem me dera estar no outrora,
dias, que passados são.

Nostalgia, coisa minha,
tristeza, que tanto traz.
Vá nas asas da andorinha,
leve a dor, que mal me faz.



O **retrato** de minha alma,
com solidão singular,
sem risos e tanta calma,
dá vontade de chorar.

No espaço de um tempo ao vento,
a vida, que valeria?

Retrato fixa o momento,
do que foi, não mais seria.

Nostalgia, uma saudade,
no viver, o grande amor.
Não sabia de verdade,
tanto amor é também dor.

Viver sempre em **nostalgia**,
tanta tristeza ao léu.
Adeus! Afinal, um dia,
os rogos vão para o céu.

Um **abismo**, entre nós dois,
separou nossa estrada.
Tantas coisas vêm depois,
que, hoje, só resta nada.

Sempre que a felicidade,
ao passar por meu rincão,
deixa **abismo** de saudade,
sombreando todo chão.

No **princípio**, um puro amor,
ferindo-se em desenganos.
Não há prazer, sem a dor,
e nem mágoa a durar anos.

No **princípio**, só ternura!
Que a faz atraente assim?
Você tão meiga, tão pura!
Sempre flor, em meu jardim.

A **princípio**, um sorriso,
todo açúcar, feito sonho.
E vagam, no ar, sons e riso,
nasci um poeta tristonho.

Promessa, uma agonia,
na **angústia**, só de lembrança.
Triste uma dor, que vagueia,
em um sonho de esperança.

●
244

Tanta **angústia** já senti,
pensando em só recompor
cada flor, que, em ti, perdi,
entre um beijo, afeto e dor.

Folhas secas, que navegam,
pela enxurrada das ruas.
Miragens, ao léu, carregam,
espelhando imagens tuas.

Miragem, sonho dileto,
ganhei no Natal da vida.
Quis olhar-te mais de perto,
esfumagou-se: vã lida!

Além das nuvens: **miragem!**
Carneirinho, carneirão.
Raios de sol, sua imagem,
lá no céu, longe do chão.

245
●

Olhos fecham cansados,
encontrando uma **miragem**.
Tantos sonhos realizados,
nessa tão curta viagem.

Pequena linha separa
o real e essa **miragem**.
O amor não se compara,
é a mais linda viagem.

Cruza um bote solitário,
nesse **mar**, que encontra o céu.
Um desenho imaginário,
em um transparente véu.

Tantos **mares** para nós.
Quantas, tantas primaveras!
Mas, agora, estamos sós,
mergulhados em quimeras!

O sol se deita no **mar**,
uma luz, na água, flutua.
Meu sonho paira, no ar,
e vejo-me toda tua.

Tal qual as ondas do **mar**,
meus amores vão e vêm.
Sim, eu sei que custa amar,
quando um sonho acaba bem.

Muitas barcas, muitos remos,
cortam as ondas do **mar**.
O tempo, em que chegaremos,
não se pode calcular.



MEU MUNDO, COMO CENTRO

– Reflexões –

DEUS, EM MEU TRABALHO

Muitas vezes, ocorre-me a passagem de São Paulo, em que, para acreditar em Cristo, caiu do cavalo, mas não foi um privilégio somente dele. Um sério acidente, no qual quase perdi a vida, fez-me parar, refletir, olhar para o céu e medir a distância, em que eu havia me posicionado, em relação ao meu Senhor. Então, decidi reencontrá-lo, doando-me um pouco.

Meu primeiro serviço, em minha paróquia, foi de catequista, num parque infantil: “Introdução Religiosa”, para crianças não alfabetizadas. Tal trabalho foi gratificante. Era encantador mostrar o “Papai do Céu”, através de sua Criação, àqueles pequeninos, tão curiosos a respeito de tudo.

Daí, fui para a Escola Paroquial “Sampaio Vidal”, preparando turmas para receber a primeira Eucaristia.

Foi uma época de engrandecimento espiritual, pois, em cada ensinamento transmitido, sentia a revelação do Senhor.

Na verdade, nunca soube se era a mestra, ou aluna.

Nessa mesma época, procurava elucidar-me, freqüentando aulas para a formação de catequistas: aprofundamentos religiosos, através de palestras, círculos bíblicos, cursos rápidos, ou livres, de teologia.

Assim, de degrau em degrau, cheguei a ser secretária geral da “Associação e Oficinas de Caridade Santa Rita de Cássia”, tendo maior contato com o próximo carente. Pude, desse modo, notar a face do Cristo sofredor, estampada na figura do oprimido, injustiçado e marginalizado. E, com humildade, reconheci minha incapacidade diante de tão grande problema social.

Também, por dois anos, participei de encontros de evangelização básica, orientados por Ana Flora e Frei Gorgulho.

Após, tornei-me palestrante, procurando transmitir e esclarecer a “Boa Nova” para um grupo das Igrejas: Perpétuo Socorro, Coração de Maria e da Associação Santa Zita.

Na minha paróquia, pertenci ao Conselho Paroquial, como coordenadora da equipe de Liturgia e primeira secretária do Apostolado de Oração.

Nesses serviços, tive a oportunidade de estar em contato, quase diário, com pessoas, que viviam o cristianismo.

Durante um ano, freqüentei o Curso de Pastoral da Saúde, na Igreja São Francisco, trabalhando com doentes, no Hospital Matarazzo. Tinha a intenção de mostrar-lhes o

“Cristo da Esperança”, que nos fazia aceitar a doença, a dor, apontando o caminho para a Casa do Pai. Investida como Ministra da Pastoral da Saúde, em cerimônia solene, foi-me permitido ministrar a Santa Eucaristia.

Sentia-me feliz com essa orientação de vida. O viver tornou-se mais fácil, desde que passei a olhar meu próximo com compreensão, tolerância, perdão e muito amor. O servir a Deus, com meu trabalho, tornou minha carga leve.

Estava honrada e agradecida ao Senhor, por sentir-me um de seus instrumentos, propagando a fé, a esperança e a caridade.

Culturas são padrões de comportamento e atitudes, caracterizando uma sociedade.

Sua aquisição ou transmissão é um processo social: motivo pelo qual se usa o termo “herança social”, sendo seu fundamento a linguagem.

O conhecimento de um povo é, principalmente, adquirido pela necessidade de sobrevivência. Vem passando de geração para geração, surgindo, então, o artesanato regional, a medicina, a ciência popular e o folclore.

Nas democracias, há a preocupação de elevar o nível cultural das massas populares, dando-lhes o ensejo de melhorar seus conhecimentos: seja em escolas de diversos graus, através de vídeos educativos, seja em jornais, rádio, televisão e outros meios de divulgação, quer nos centros urbanos, como rurais.

O esclarecimento informativo popular deixou de estar num círculo fechado, abriu-se a todos, proporcionando maior desenvolvimento do ensino/aprendizagem, graças aos meios de comunicação.

Assim, a cultura das massas transforma, policentriza, correspondendo cada vez mais às expectativas da sociedade, sendo que a sua difusão envolve, também, um vasto universo de consumo e lazer.

O “EU” DE MIM

Como me surpreende este “eu” de mim. Às vezes, tenho atitudes que não são minhas e até me desconheço.

Onde estava “eu”, quando me zanguei, tão seriamente, com aquele garoto ao maltratar um animal? Perdi toda a timidez. Sem receio de que a mãe achasse ruim, gritei, tomei defesa do indefeso, pouco importando com as conseqüências.

Foi um ato de bravura? Um gesto de amor? Encarnação de São Francisco? E o “eu”? Ficou de lado?

Depois do acontecido, refleti: “Seria capaz de ter esse comportamento em escala maior? Como reagiria diante de uma violência? De uma infâmia? De uma injustiça? Teria coragem de reclamar em voz alta, ou seria omissa, vendo e calando?”

Dai-me forças, Senhor, para bradar diante de erros, maus-tratos e desamor.

Fazei com que o meu “eu” possa dominar o orgulho, o egoísmo, quando assim se tornar necessário.

Que pense sempre nos outros e, certamente, isto será o melhor para mim.

Que meus caminhos sejam o altruísmo, a justiça e a caridade.

E que este paradoxo supremo da santidade seja o lema para o meu “eu”: a conquista da plenitude, pela renúncia, da vitória, morrendo e não matando, da riqueza, dando e não guardando.

Esta é a lei do amor, da bondade e da dedicação, virtudes, que superam os dons do saber e do poder.

É o domínio do “eu” sobre o “mim”.



MEU MUNDO, COMO CENTRO

Quando o passado e o presente se tornam um, e as realizações, que pertenceriam ao futuro, são completadas num viver pleno, teremos atingido a idade provecta.

Então, em visão panorâmica, sentiremos o passar de uma existência.

Pesaremos os momentos amargos, ou felizes, as dúvidas e as afirmações, os fracassos, os obstáculos ultrapassados, as frustrações e as lutas vencidas.

Como é estranha a vida e curta!

Imprevisivelmente, passamos, por ela, insatisfeitos. No íntimo, ao desejar atingir metas fora de nosso alcance, cujo valor real desconhecemos por completo.

Com isso, desperdiçamos etapas e perdemos o mais fácil de se conseguir: uma vida tranqüila, singela e plena de felicidade.

Não ambicionemos o mundo aos nossos pés, mas tenhamos pés firmes, na travessia de nosso mundo. Aquele que nos foi destinado a viver.

A CRIANÇA E O VELHO

Dizem que o homem tem duas infâncias: a dos primeiros dias de sua existência e a dos últimos de sua vida terrena.

Os dois extremos encontram-se. Por quê? Tentemos analisá-los.

A criança, assim como o velho, vive o momento presente: a primeira, porque nada sabe sobre a vida; o segundo, porque já teve experiências.

A debilidade física e o entendimento lento são encontrados, não raramente, em ambos: na criança, porque ainda não atingiu o seu desenvolvimento completo e, no velho, porque é normal, com o avançar da idade, haver, gradativamente, a decadência de seus tecidos.

Na primeira infância, os passos de uma criança são vacilantes, assim como o raciocínio lógico, que virá somente com o decorrer do tempo. O velho apresenta, também, um andar trôpego, pois suas forças estão gastas, e um pensamento cheio de lapsos, falhando, freqüentemente, a memória.

Geralmente, velhos e crianças têm um bom relacionamento, talvez, pela procura inconsciente de afeto, segurança e apoio.

Crianças e velhos estão presentes nas preocupações sociais. Muitas são as leis civis e religiosas elaboradas para protegê-los.

A criança representa o futuro, e o velho a luta pela sobrevivência.

Nas crianças, os homens depositam suas esperanças e, nos velhos, espelham seus exemplos, tentando corrigir falhas e aperfeiçoando suas bem-sucedidas experiências.

FOGÃO DE LENHA, PANELA DE BARRO

Diante dos obstáculos apresentados pelas dificuldades do viver (fogão), sentimos quão frágeis e vulneráveis somos (panela de barro). Portanto chegou a hora de transformar a fraqueza em fortaleza.

A motivação está dentro de nós, basta procurá-la. Usando o sentimento, o raciocínio, a palavra, o agir, com coragem e disposição, encontraremos as orientações à meta almejada.

Espelhemo-nos em exemplos magníficos: veja Madre Teresa de Calcutá, uma religiosa de saúde precária, sem recursos, apenas com força interior e dedicação. Sua obra assistencial aos desvalidos chamou atenção de nações poderosas, melhorando a situação de milhares de miseráveis.

“Panela de barro”, uma vez curtida, torna-se rija, resistente como pedra!

Sejamos vigorosos, como uma rocha. Não nos assustemos com as labaredas da vida. Devemos lutar sempre contra os impactos negativos do dia-a-dia.

Que a derrota de hoje nos impulsione para a vitória do amanhã!

É nossa oportunidade: ajudar é honra, que nos compete.

Sigamos destemidos pelos caminhos e, certamente, alcançaremos, num futuro próximo, ou remoto, a alegria de ver um mundo melhor.

●

260

261

●

A CIGARRA E A FORMIGA

- Palavras da Cigarra -

A fábula, *A Cigarra e A Formiga*, de La Fontaine, é bastante conhecida.

A cigarra, em pleno inverno, para não morrer de frio e fome, pede abrigo à formiguinha. Esta lhe nega, com palavras bem cruéis: “Você cantou durante todo o verão, pois dance agora”.

Antes, porém, que a egoísta formiguinha batesse à porta na cara da cigarra, ela, com o pouco de vida, que lhe restava, retrucou:

- Ingrata! Durante toda a estação quente, cantei sim, mas para tornar mais leve seu trabalho. Dei-lhe forças com minha maviosa voz, enquanto você, exausta, deixava cair o alimento transportado. Cantava, bem me lembro, pois sou cantora de nascença. Toda natureza aprecia meus ciciados: anunciando o nascer do dia, o cair da chuva, o vento soprando e a noite descendo. Toda floresta admira meu assobio longo, anunciando a chegada do calor. De que se queixa? Como um relógio, aviso o aparecimento do sol, que vocês, formiguinhas, precisam se movimentar, para terem provisões quando o frio vier. Cantar também é trabalhar! A alegria, que espalho com meus sons, como um instrumento musical, na orquestra harmoniosa da natureza, eleva a energia dos viventes. Aceite-me em sua morada e resguarde-me, porque, do meu cantar, depende sua satisfação no servir.

FERNÃO CAPELO GAIVOTA*

- Releitura da mensagem do filme -

Trata-se da luta solitária de uma gaivota à procura da perfeição. É o simbolismo do ser humano, na ânsia de atingir a liberdade, num crescente vertical, em busca da luz, da verdade. Múltiplas são as mensagens de vida nessa filmagem, tais como: o espaço e o tempo não são reais. Cabe, a cada um de nós, preenchê-los da melhor forma possível. Devemos vencer as barreiras das limitações, dos conhecimentos, das frustrações. O fracasso de hoje nos prepara para a vitória do amanhã.

Todos aqueles, que escapam das normas do dia-a-dia, são, a princípio, considerados como excêntricos e até como loucos, pois sofrem duras críticas! Com o passar do tempo, muda-se a visão do mundo e só, então, serão reconhecidos como iniciadores de leis básicas para um comportamento ideal.

O ódio e a vingança a nada levam. Vivamos o amor. O que passamos de bom e produtivo servirá de modelo às gerações futuras. Sigamos à frente, abandonando o comodismo. Lutemos para ultrapassar os temores.

Como a pequena gaivota, esforcemo-nos para voar em direção à luz. Que seja nossa meta o Bem-Supremo: “Deus”.

* *Bach, Richard - A História de Fernão Capelo Gaivota - Editorial Nórdica Ltda. - RJ - s/d*



SOBRE A AUTORA

GLORINHA MOURÃO SANDOVAL

mineira de Poços de Caldas, filha de Dr. Mário Mourão e Placidina Mourão. Iniciou a alfabetização aos dez anos.

Sua primeira professora: a inesquecível mestra Maria Ovídia Junqueira. Prosseguiu sua escolaridade na “Escola Sete de Setembro”, de Carolina Bernardes Flora. Após, apenas um ano de preparação primária, fez o exame de 4º ano no “Grupo Escolar David Campista”, dirigido por Carmem Mourão Cavalcanti, sendo a banca examinadora presidida pelo pároco Padre Eduardo Batista. Foi aprovada, com distinção. Continuou os estudos básicos no “Colégio Sion”, de Petrópolis, transferindo-se, depois, para Poços de Caldas, a fim de cursar a “Escola Normal São Domingos”, formando-se, em 1936.

Casou-se, em dezembro de 1937, com Dr. Flausino Barbosa Sandoval, fazendeiro e advogado, em São Paulo. Teve quatro filhos.

Fez vários cursos livres de extensão cultural, em São Paulo: Literatura Brasileira, Teologia, Filosofia Oriental, Secretária Executiva, Liderança, Cultura

Inglesa, Aliança Francesa. Nas “Oficinas da Palavra” e no “Museu Mário de Andrade”, participou de cursos de Trovas, Poesia, Criação Literária, Contos, Crônicas, Redação, Trajetórias de Idéias e outros.

Exerceu as seguintes atividades: Secretária de Entidades Assistenciais e Religiosas, membro do “Clube Literário de Brasília”, da “União Brasileira de Trovadores” (UBT), da “União Brasileira de Escritores” (UBE) e da “Academia Poços Caldense de Letras”.

Teve trabalhos publicados em revistas, jornais e antologias. Deu entrevistas na TV e palestras em bibliotecas. Foi laureada com troféus e medalhas, recebendo menções honrosas e especiais ao participar de concursos literários.

Em 1992, publicou o seu primeiro livro, *Asas do Tempo*, alguns anos depois, *Garatujas* (1997) e, no momento, *Fantasia* (1999).

Lembra, sempre, que “a vida não é só para ser vivida, mas sonhada”.

*Acabou-se de imprimir,
aos 99 de agosto de 2005,
na cidade de São Paulo,
nas oficinas da Cromoset,
especialmente para a Vide o Verso.*
Miolo: Chamois Bulk 90g/m² Dunas.
Capa: Supremo 250g/m², laminação BOPP.
Edição de 500 exemplares.